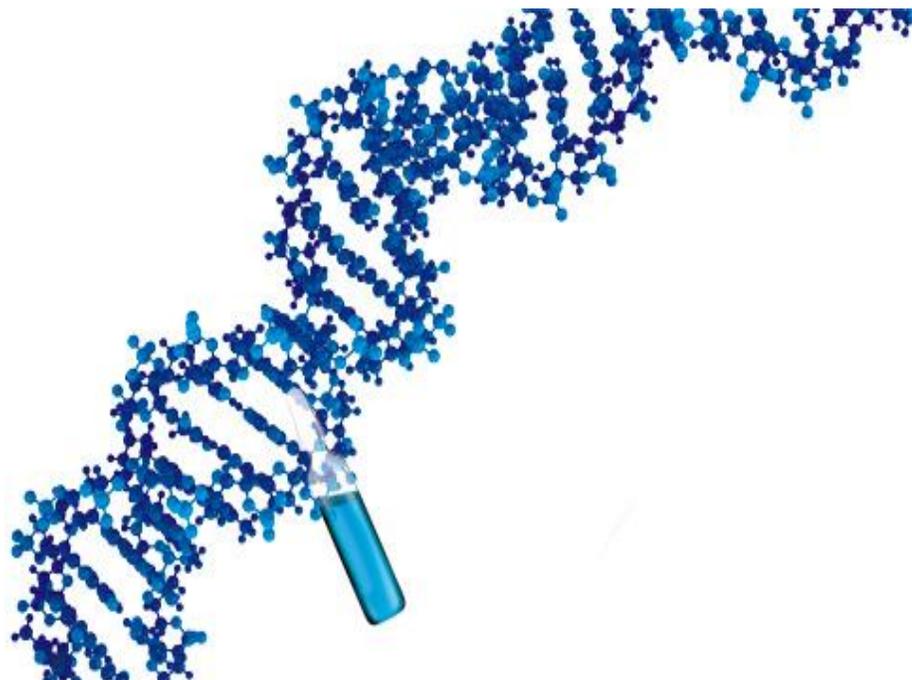


A revolução da terapia genética (MONIQUE OLIVEIRA)

Chega ao mercado o primeiro medicamento capaz de substituir um gene defeituoso por outro saudável. Está inaugurada a era na qual doenças como a Aids e a diabetes poderão ser tratadas simplesmente mudando o DNA



POR MUITO tempo, falar em terapia genética significava adentrar um terreno de pura experimentação da medicina, algo para beneficiar as gerações futuras. Agora esse futuro deixa de ser remoto. Chegou ao mercado o primeiro medicamento de terapia gênica – um marco na história da medicina. Trata-se do Glybera, uma solução aprovada pela agência europeia que regula remédios para ser comercializada nos países do continente a partir deste ano. A droga é a esperança de uma vida sem sofrimento para milhares de pessoas que possuem uma doença genética rara, caracterizada por um defeito no gene que determina a produção da enzima lipoproteína lipase, responsável pela digestão da gordura. Sem ela, o corpo não metaboliza o nutriente, o que acarreta sérias consequências, como sucessivas internações por pancreatite (inflamação

do pâncreas). Até hoje, não havia tratamento a não ser dieta restritiva.

O remédio troca o gene defeituoso por um saudável, corrigindo o problema. É o princípio da terapia gênica. Dito assim, parece um conceito simples. Mas sua concretização sempre foi um desafio. Para concluir o desenvolvimento do Glybera, por exemplo, foram 12 anos de trabalho, realizado pela companhia de biotecnologia holandesa UniQure. Isso porque a substituição do gene defeituoso pelo correto envolve um processo complexo. Primeiro, é preciso achar o que os cientistas chamam de “veículo”, o meio pelo qual o gene saudável será levado até o interior das células para tomar o lugar do que funciona erradamente. Há algum tempo conclui-se que a melhor forma de fazer isso é usar um vírus. A escolha foi feita porque, ao invadir as células, esse micro-organismo mistura seu material genético ao DNA das células e as faz funcionar como uma espécie de fábrica dele próprio. É dessa forma que ele se espalha pelo corpo. Portanto, já que ele atua dessa maneira, por que não utilizá-lo para transportar para dentro do corpo aquilo que se quer de fato? É uma estratégia chamada por muitos de cavalo de troia.

**O PIONEIRO
NO MUNDO**

100

mutações genéticas são o alvo do Glybera, até agora o único medicamento de terapia genética lançado comercialmente

**100
milhões**

de euros foram gastos no desenvolvimento do remédio, de acordo com o seu fabricante, o laboratório holandês UniQure



ESPERANÇA DE CURA

O estudante Vitor Cancio Dias, 16 anos, de Campinas (SP), é um candidato a tomar o Glybera para tratar sua incapacidade de digerir gordura. Aos 16 anos, ele tem muita dificuldade de seguir à risca a dieta rigorosa que proíbe o consumo do nutriente. "Esse remédio pode me ajudar. Chego a ter dores abdominais que só passam com morfina. Não tenho liberdade", diz.

Uma das questões mais complicadas, porém, é fazer com que o vírus misture o gene desejado ao DNA das células, sem causar doenças. Entre os candidatos, um dos mais estudados é o vírus adeno-associado. Ele provoca menos reações do sistema imunológico, é mais fácil de manipular e não causa enfermidades. Foi o tipo escolhido pelos cientistas holandeses. Ainda assim, os pesquisadores utilizaram drogas para evitar a rejeição ao vírus. A terapia, então, se mostrou eficaz. Com 12 injeções aplicadas diretamente em músculos da perna dadas de uma só vez, os 27 pacientes que participaram dos testes – realizados no Canadá e na Holanda – passaram finalmente a fabricar a enzima e continuaram sua produção sem necessidade de novas injeções.

PRODUÇÃO

Pesquisador da companhia holandesa UniQure exibe o frasco da solução composta de vírus e novos genes

Jörn Aldag, executivo que coordenou o estudo, garante que o tratamento é o fim da doença. "É a cura", afirmou à ISTOÉ. No mundo científico, a façanha foi comemorada. "Eles não utilizaram uma estratégia nova, mas conseguiram que o gene de interesse fosse entregue ao paciente por um longo período", afirma o pesquisador Guilherme Baldo, do Centro de Terapia Gênica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. "Mais estudos são necessários, mas a terapia é muito interessante", diz o cardiologista Raul Santos, consultor do Centro de Medicina Preventiva Einstein e professor da Universidade de São Paulo (USP). "Esperamos a sua utilização no País", afirma Eliana Cotta de Faria, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por enquanto, a droga só está disponível na Europa e está sendo submetida à aprovação nos EUA. "Mas é possível realizar o tratamento de brasileiros que desejarem vir à Holanda", diz Aldag. "É preciso analisar cada caso." Segundo a empresa holandesa, é cedo para definir o custo da terapia. Há especulações de que o tratamento poderia chegar a custar cerca de 1,5 milhão de euros, o equivalente a quase R\$ 3 milhões.



FORMA DE ATUAÇÃO

Foram 12 anos de pesquisa para achar um meio de trocar o gene defeituoso por um normal

O QUE É A DOENÇA

Atinge pessoas com deficiência da enzima lipoproteína lipase, necessária à decomposição das gorduras. Sem a ação da proteína, a gordura fica em altas concentrações no sangue

Ela é causada por mais de 100 tipos de mutações no gene que regula a produção dessa enzima no organismo, o que ocorre especialmente nas células musculares

Para sobreviver, os pacientes seguem uma dieta com baixíssimo teor em gordura e carboidratos. Podem ter graves crises de pancreatite, desnutrição, diabetes e problemas cardiovasculares

A APLICAÇÃO DO NOVO REMÉDIO

Conheça mais sobre a enfermidade tratada pelo medicamento e seu mecanismo de ação

A doença é conhecida pela sigla LPLD e atinge 14 mil pessoas no mundo

O AAV foi modificado para transportar o gene certo ao seu destino. Todo o seu DNA foi retirado e substituído por material genético humano contendo o gene saudável da lipoproteína lipase

Ao ser injetado no organismo, o Glybera penetra no interior da célula até alcançar seu núcleo, onde está o DNA

A TERAPIA PASSO A PASSO

O paciente com sintomas faz um teste genético para verificar se possui as mutações corrigidas pelo Glybera

FOTOS: MICHAEL KUDOREN/UNIQUE; KILSEN FERNANDES/AG. SETOR

B

C

D

Lá, despeja seu conteúdo em um local específico do cromossomo B, onde está o gene defeituoso

A chegada do gene normal leva as células a produzir a enzima essencial

Em testes com 27 voluntários submetidos à terapia gênica, a redução de gordura no sangue chegou a 93% após a alimentação, momento em que as crises de pancreatite são mais recorrentes

Segundo os cientistas, três anos após o tratamento, os pacientes continuam produzindo a enzima sem necessidade de tomar novas injeções. Os criadores da terapia afirmam que ela representa a cura para essa doença

Como é um recurso inédito, a Agência Europeia de Medicamentos fará análises anuais dos impactos do remédio

O paciente é anestesiado para receber 12 injeções em músculos da perna em uma mesma sessão

Antes e depois da terapia, são dadas pequenas doses de remédios (como os que são ministrados após transplantes)



2

3

Em um contexto mais amplo, a aprovação do Glybera significa que o mundo já está capacitado a avançar na terapia gênica. "Esse remédio abre uma porteira para esse tipo de tratamento", comemora Carlos Menck, do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo e pesquisador de terapia gênica na área do câncer. De fato, a fronteira foi aberta. O próximo remédio da categoria a chegar ao mercado será para o tratamento da Síndrome de Imunodeficiência Combinada, uma doença genética que impede o funcionamento do sistema imunológico. O laboratório GlaxoSmithKline, em parceria com o Instituto MolMed, na Itália, aguarda a liberação das agências reguladoras para vender a droga. Ela está em estudo há mais de 11 anos em centros de excelência, como o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos (NIH). "Médicos e pacientes não têm muita opção", disse à ISTOÉ Dan Kastner, diretor-científico do Instituto Nacional de Pesquisa para o Genoma Humano, um braço do NIH. A instituição já restaurou o sistema imunológico de três crianças com a terapia.



FUTURO

Na Unicamp, a cientista Margareth Ozelo estuda a terapia gênica para tratar a hemofilia

Nos laboratórios, há uma profusão de testes clínicos usando a manipulação genética a nosso favor. Os genes enxertados têm propósitos diferentes. Entre outras funções, podem mandar as células destruir um tumor, corrigir uma mutação, determinar a fabricação de proteínas ou aumentar a capacidade de funcionamento do sistema imunológico. Em um experimento realizado no Instituto Feinstein de Pesquisa Médica de Nova York (EUA), por exemplo, os cientistas injetaram no cérebro de 65 pacientes com doença de Parkinson uma solução contendo um gene que determina a produção de uma proteína

cujas ausência pode deflagrar sintomas da enfermidade. Os doentes que receberam a injeção apresentaram melhora de 23% nos sintomas. Já os que receberam placebo, 12%. "A terapia gênica para doenças como Parkinson é uma realidade", disse à ISTOÉ Andrew Feigin, autor do estudo.

BENEFÍCIO

A canadense Katlyn Demerchant, 7 anos, usou com sucesso uma forma de terapia genética contra doença que afeta o sistema imunológico

O mesmo panorama é observado em relação à Aids. Na última semana, cientistas da Escola de Medicina de Stanford (EUA) publicaram um artigo no qual relataram que conseguiram modificar geneticamente os linfócitos T (células de defesa invadidas pelo HIV) de modo a torná-los resistentes à entrada do vírus. Por enquanto, os estudos estão em nível bastante preliminar, mas o feito é um passo importantíssimo no combate à doença. Em outra ponta, os cientistas continuam a lutar por uma vacina. Uma pesquisa feita pelo Instituto de Tecnologia de Pasadena mostrou que uma solução contendo genes responsáveis pela produção de anticorpos contra o HIV impediu por completo, em animais, a contaminação pelo vírus. Em humanos, há uma experiência em curso há 11 anos. Em 2012, parte dos resultados foi publicada no renomado Science Translational of Medicine. Os genes associados à produção de anticorpos anti-HIV continuam funcionando. Não há sinal de reação imunológica. A doença, porém, não foi totalmente controlada.





POTENCIAL **O cientista Carlos Menck, da USP,** **investiga como a genética pode** **combater o câncer**

Outra enfermidade na qual a terapia dos genes poderá salvar vidas é a diabetes. O tratamento objetiva regularizar a produção e aproveitamento da insulina, hormônio que permite a entrada, nas células, da glicose circulante no sangue. Na Faculdade de Medicina de Baylor (EUA), cientistas reverteram a doença em ratos: tanto a diabetes tipo 1, a forma hereditária, quanto a diabetes tipo 2, a adquirida. "Pelo menos em animais, pode-se dizer que é uma cura", disse à ISTOÉ Lawrence Chan, líder do trabalho.

No Brasil, a Unicamp testará a terapia gênica como tratamento para pacientes com hemofilia B grave, uma doença genética que provoca graves hemorragias pela ausência de Fator IX, responsável pela coagulação do sangue. "Tivemos três pacientes que receberam esse tipo de tratamento e estão bem", relata Margareth Ozelo, diretora da unidade de hemofilia do hemocentro da universidade. A estratégia é inserir genes vinculados à produção do fator IX.

Também há esperanças no tratamento do câncer. Uma delas reside no combate ao melanoma, a forma mais grave dos cânceres de pele. Cientistas da Universidade de San Diego dotaram o vírus da herpes

com instruções genéticas que permitem ao organismo destruir as células tumorais e ter o sistema de defesa fortalecido. Dos 30 pacientes que receberam esse vírus modificado, 26% tiveram resposta positiva ou regressão da doença. Na China, há uma droga aprovada contra o carcinoma (outro tipo de câncer de pele). No Instituto de Ciências Biomédicas da USP, os cientistas estudam possíveis reparos no DNA que podem proteger contra a doença. Outra abordagem é fazer com que a célula doente fique mais sensível aos quimioterápicos.

No campo da cardiologia, as experiências são igualmente diversas. Aqui, as estratégias vão desde usar a terapia genética para combater o acúmulo de gordura nas artérias até o controle da pressão arterial. Na mais recente delas, pesquisadores da Escola de Medicina de Monte Sinai (EUA) testaram uma droga para tratar e prevenir a insuficiência cardíaca. A equipe descobriu que a proteína SUMO1 fica diminuída nesses pacientes. Eles injetaram, em animais, um gene capaz de regular a produção dessa substância. A função cardíaca melhorou significativamente. Também está em estudo uma vacina com genes capazes de levar o sistema imunológico a atacar as placas de gordura oxidadas nas artérias, problema que pode levar ao infarto. No Instituto do Coração, de São Paulo, o professor José Eduardo Krieger também estuda o potencial da terapia. "Em animais, tivemos resultados positivos com proteção cardíaca pós-infarto."

Apesar do sucesso desses recursos, algumas ponderações são necessárias. Hoje, permanece a existência de limites técnicos para a produção em larga escala dos vírus modificados geneticamente, os tais veículos. Isso ainda encarece brutalmente o tratamento. Também ainda se buscam formas de assegurar que os genes inseridos funcionem adequadamente e não induzam à formação de problemas, como tumores. Porém, a contar pelos desafios já enfrentados pela terapia, é de esperar que os obstáculos fiquem cada vez mais para trás.

COMO AGE A TERAPIA GÊNICA

A terapia genética é um conjunto de técnicas que usa a inserção de genes nas células de um indivíduo para tratar ou prevenir doenças

Os genes ficam dentro do núcleo das células. Eles contêm todas as instruções do nosso código genético, o DNA, para o funcionamento do organismo

Mutações sofridas pelos genes podem interferir em alguma função do corpo. Por exemplo, a perda da ação de um hormônio ou enzima

Com a terapia genética, os cientistas introduzem no corpo uma cópia do gene normal para restaurar a função do gene mutado

AS PESQUISAS MAIS IMPORTANTES

O método está em teste contra diversas doenças. Há estudos promissores para combater a hemofilia, a leucemia e o câncer de pele, o Parkinson, a Aids e a diabetes. Há testes adiantados para tratar a Imunodeficiência Combinada Grave (SCID), doença genética que atinge o sistema de defesa

AS ESTRATÉGIAS EM ESTUDO

A

Substituir o gene alterado que causa a doença por uma cópia normal desse mesmo gene

B

Deixar inativo o gene que está funcionando de forma inadequada

C

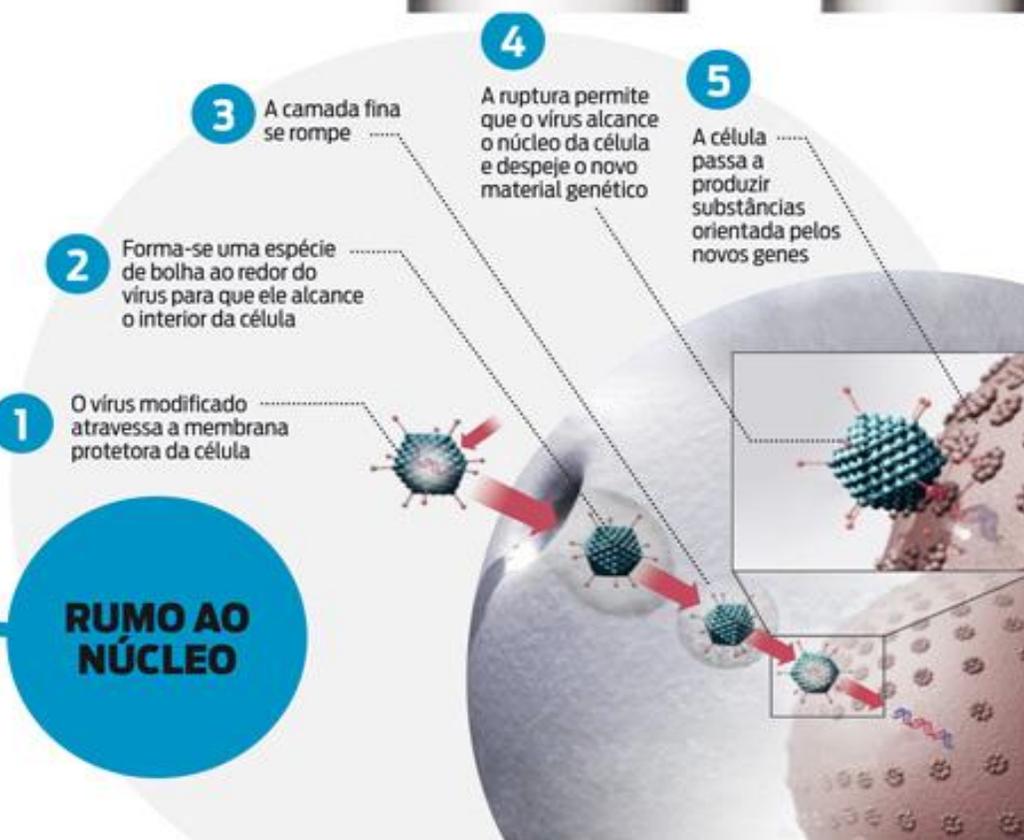
Introduzir novos genes no corpo para ajudar a combater a doença

OS CAMINHOS PARA ATINGIR O ALVO

Para transportar novas partes do DNA para dentro das células são usados vírus geneticamente modificados e inativados pelos cientistas

O material pode ser ministrado diretamente no órgão-alvo ou na corrente sanguínea

Mais uma alternativa é a retirada de amostras de células do paciente a serem expostas, no laboratório, ao vírus contendo o gene



RUMO AO NÚCLEO

Fontes: National Institutes of Health (NIH/EUA), Carlos Menck (USP) e Guilherme Baldo (HC/Porto Alegre)

FOTOS: AARON MCKINZIE FRASER, GABRIEL CHAMASTELLE, JEFF SWENIGEN/THE NEW YORK TIMES

SALVA DA LEUCEMIA

A americana Emma Whitehead, 8 anos, foi submetida a um tratamento genético contra a doença que usa uma forma enfraquecida do HIV, vírus causador da Aids, para corrigir o conteúdo genético de seu organismo. Teve fortes reações e quase morreu, mas a terapia induziu a destruição das células causadoras da enfermidade. Neste momento, Emma está em remissão completa da doença.



MONIQUE OLIVEIRA é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista ISTO É, Fevereiro de 2013.**

Tempo livre para criar (CRISTIANO DE JESUS)

A Filosofia nasceu do ócio, momento essencial para a reflexão, para reciclar e reordenar conceitos e valores. O tempo livre, condenado na sociedade pós-industrial e cada vez mais raro, faria do homem um Sísifo, consciente da sua condição alienante



A TRADIÇÃO histórica identifica no tempo livre uma das principais condições que favoreceram o desenvolvimento da civilização. Após a Agricultura e a domesticação de animais, o homem pôde finalmente se desvencilhar da pesada tarefa de lutar incessantemente pela sua sobrevivência. Conseguiu, assim, expandir seu limite de ação para além da dimensão produtiva, criando também dimensões sociais e simbólicas.

Vale mencionar que o tempo livre foi um dos aspectos que permitiram o surgimento da Filosofia na Grécia Antiga. Supõe-se que a especulação filosófica surgiu a partir da relativa estabilidade que foi conquistada pela urbanização, que também possibilitou o desenvolvimento da Cultura e das relações de poder. Foi quando o homem, não mais obrigado a conquistar diariamente a sobrevivência, se permitiu observar, se assombrar, refletir e teorizar sobre tudo que o cerca.

Fenômenos semelhantes a este ocorreram em outras épocas mais antigas, mas de forma e sentido muito diferentes. O pensamento mítico também ajudava a pensar e a explicar a natureza, mas era um pensamento derivado exclusivamente da prática concreta no âmbito da produção das condições materiais de vida. Um exemplo bem interessante, na Mitologia nórdica, é o caso do deus Thor. Observava-se, de alguma forma, que na maioria das vezes troveja-se antes e durante a chuva. Contos e relatos passados de geração para geração relacionaram o barulho do trovão ao movimento feito por Thor com seu martelo ao cruzar os céus em sua carruagem. Por isso, pedidos eram feitos a Thor nos períodos que antecediam o plantio nos campos. Nesse caso, o pensamento especulativo se dá diretamente relacionado às preocupações em torno de incertezas sobre a satisfação de necessidades básicas que afetam diretamente a condição de subsistência.

A Filosofia da Grécia Antiga, especialmente aquela que surge com Sócrates, abre caminho para o pensamento puro, sem a obrigação de correspondência e utilidade direta com o mundo concreto, e isso se dá no repouso, quando em segurança e saciadas as necessidades mais básicas. O conhecimento desenvolvido a partir da prática produtiva possui caráter utilitário, diferente da criação e experimentação estritamente simbólica. Todavia, nada garante que o tempo liberto do trabalho produtivo proporcione um processo de criação e abertura de novos caminhos para o pensamento e para a existência. Esse tempo pode ser destinado apenas para a reparação das forças produtivas, ou ainda para atender outras necessidades.

Émile Zola, escritor francês e criador no século XIX do movimento literário chamado Naturalismo, em uma das suas obras mais conhecidas, *Germinal*, relata as condições terríveis dos trabalhadores de uma mina de carvão durante o chamado capitalismo primitivo, uma época quando as pessoas trabalhavam 16 horas por dia numa jornada de seis dias por semana. O pouco tempo que os operários tinham fora do trabalho servia apenas para duas coisas: descanso e procriação. É esse último propósito que oferece sentido ao termo "proletariado", que por sua vez remete ao conceito de "prole". Nesse contexto, o proletariado constitui-se de uma classe de trabalhadores que produzem e procriam, geram sua prole, para que novas gerações de trabalhadores possam substituir sem prejuízo as gerações anteriores de indivíduos que envelhecem, adoecem e morrem. Após muitas lutas, inúmeras conquistas trabalhistas foram alcançadas e a jornada de trabalho diminuiu ao longo da história. Entretanto, na atualidade, o tempo desvinculado da atividade produtiva pode ser também capturado por obrigações, como educação, família etc., ou ainda ser absorvido por compromissos institucionais como Religião, militância política e outros.



LAZER COMO MERCADORIA

O tempo efetivamente livre que pode proporcionar a mesma pulsão criadora que outrora trouxera à luz a Filosofia corresponde a um enorme desafio para o mundo pós-moderno. O desenvolvimento econômico alavancou o surgimento de novos paradigmas de gestão estratégica de negócios contribuindo para a exploração e transformação de um conjunto enorme de práticas em oportunidades de transação comercial. Com isso, até mesmo o lazer se profissionalizou, provocando o surgimento de mais um mecanismo de apropriação do tempo livre. Trata-se da standardização do lazer, isto é, de sua massificação, de sua transformação em mercadoria.

Na Filosofia, essa problemática foi estudada

intensivamente pelos filósofos da chamada Escola de Frankfurt. Max Horkheimer e Theodor Adorno em *Dialética do esclarecimento* apresentam o conceito de "Indústria Cultural" como alternativa ao conceito de "cultura de massa" que não necessariamente precisa corresponder à passividade, atividade cultural alienada e de baixa qualidade. Indústria Cultural, portanto, refere-se às entidades sociais que detêm em uma sociedade o poder simbólico, tais como TV, rádio, Cinema, jornais, revistas etc. São instituídas para a produção de conteúdo destinado ao consumo das massas.

O objetivo da Indústria Cultural não é o desenvolvimento do conhecimento nem criar caminhos para que isso aconteça, mas sim produzir e comercializar conteúdos. As estratégias usadas para maximizar a penetração dessa mercadoria provocam consequências que ferem a autonomia dos indivíduos, capturando-os do gozo de seu tempo livre para inseri-los

num jogo de consumo passivo e alienante. Os produtos da Indústria Cultural impedem a atividade mental do espectador, exigindo apenas o instinto e a prontidão dos sentidos. São apresentados de tal modo que fomentam a estereotipação das preferências pessoais, agrupando-as em grandes categorias. Essa dinâmica é extremamente eficiente para a padronização dos hábitos e conseqüentemente para os negócios, pois assim conseguem melhor direcionamento, mas impedem o caos cognitivo organizando e antecipando as experiências, criando modelos de comportamento e de preferências.

Adorno, em *A teoria da semicultura*, apresenta um outro efeito. Quanto mais massificada estiver a produção cultural, mais superficial ela se torna. Tudo não passa de informação breve e sem profundidade. As pessoas conhecem os grandes autores e personagens históricos, mas não compreendem as suas obras em sua expressão máxima. Conhecem-nos porque foram citados em desenhos da Disney, no cinema ou outro programa televisivo que normalmente, para simplificar a linguagem, reordena a realidade, os acontecimentos e feitos de tal forma que descaracteriza-os completamente.

Esse fenômeno fica mais claro quando observada a comparação que Adorno faz entre música comercial e música clássica. Enquanto a primeira se baseia em regras de composição que planificam e condicionam os reflexos, a segunda, assim como na Poesia em que o significado de cada palavra está no sentido do poema, cada elemento da música se une na totalidade da obra.

Em *Minima moralia*, ainda Adorno aponta outro aspecto da sociedade midiaticizada, chamando atenção para a indisposição crescente para o conteúdo denso e considerado difícil enquanto as formulações frouxas são recompensadas com ampla aceitação. Afirma o autor, "(...) a expressão rigorosa obriga à univocidade da compreensão, ao esforço do conceito, ao qual as pessoas foram desabituadas, e lhes exige, ante todo conteúdo, a suspensão dos lugares comuns, logo um isolamento a que elas violentamente se opõem".

QUANTO MAIS MASSIFICADA A PRODUÇÃO CULTURAL, MAIS SUPERFICIAL. TUDO NÃO PASSA DE INFORMAÇÃO SEM PROFUNDIDADE

Com isso, o processo criativo, o questionamento e o rompimento de paradigmas enfrentam barreiras. Adorno denomina de "reacionário" o músico, por exemplo, que, em vez de se dedicar a alcançar experiências originais de composição, se dedica permanentemente a obedecer uma fórmula simplificadora e segura para garantir a vendagem das suas músicas. Essa crítica se aplica a todas as formas de criação e desenvolvimento da Cultura. Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo*, também apresenta considerações que podem complementar a perspectiva de Adorno. Ele define como "espetáculo" a relação social entre pessoas mediada por imagens e que exerce a função de instrumento de unificação da sociedade.

CONSUMO PASSIVO

Os meios de comunicação de massa possuem grande capacidade de penetração, e as relações sociais que mediam por meio das suas imagens e conteúdos conduzem as pessoas a uma vida distante da existência, uma vida de aparência e consumo passivo, seja de produtos, ideologias, valores, costumes, fatos e notícias. Debord alerta que é muito mais fácil encarar a realidade no reino das imagens - que é simplificada e reordenada segundo as conveniências - do que no plano da existência. O espetáculo define o sentido da prática em prática econômico-social, portanto, define o emprego do tempo que se resume em tempo da produção econômica. Este se manifesta de diversas formas em fragmentos abstratos. Assim sendo, o espetáculo estabelece uma falsa consciência do tempo para ocupar o lugar do tempo da existência, que portanto é expropriado violentamente.



A sociedade estática transforma o tempo errante da existência em "tempo cíclico". Ao se fixar em um local, o homem ordena o território e o tempo num processo de repetição de gestos: "a passagem do nomadismo pastoril à agricultura sedentária é o fim da liberdade ociosa e sem conteúdo". Essa sociedade que tudo modela, ao materializar a ideologia na forma de espetáculo e assim confundi-la com a própria realidade social, consegue desse modo "talhar todo o real segundo o seu modelo". Contudo, na atualidade, mesmo estando livre da atividade produtiva, de obrigações e compromissos, o indivíduo incauto pode ainda não usufruir o tempo livre, embora na maioria das vezes acredite que o esteja fazendo.

Foi nesse sentido que Adorno exclamou a seguinte constatação: "(...) o homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho".



O ÓCIO CRIATIVO FOI TEMA DE PESQUISA DO ITALIANO DOMÊNICO DE MASI PARA PROPOR UM MODELO EM QUE TRABALHO, ESTUDO E LAZER SE COMPLETEM. O ASSUNTO VIROU LIVRO, COM O MESMO NOME

Albert Camus apresenta de forma alegórica a condição de aprisionamento que se encontra o homem contemporâneo. Ele faz isso em *O mito de Sísifo*. Sísifo foi condenado pelos deuses a repetir por toda a eternidade a tarefa de subir uma montanha carregando uma pedra enorme e no cume soltá-la para rolar encosta abaixo. Porém, é muito interessante o olhar de Camus para o instante em que Sísifo desce a montanha para agarrar a pedra e novamente fazê-la subir. É nesse momento que, livre do esforço, ele pensa sobre sua condição e sobre a tarefa absurda e sem sentido que terá que fazer por todo o sempre.

Camus observa em Sísifo a imagem do proletário, homem trabalhador que está condenado a repetir tarefas indefinidamente por toda sua vida, porém a Sísifo restam apenas a revolta e o desespero porque é consciente da sua condição e sabe que não pode se libertar da maldição. O homem contemporâneo pode se reconduzir se reconhecer sua alienação, mas para ter consciência da sua condição e mudar o curso da sua vida a fim de conquistar sua emancipação frente ao fluxo estruturante e planificador que está submetido, precisa do tempo livre que dispõe Sísifo quando desce a montanha. Caso contrário, permanecerá preso ao imperativo da subsistência, dos compromissos e das obrigações.

Infelizmente é possível identificar a tese de Camus na atualidade quando se observa a correspondência do triste destino de Sísifo em situações muito emblemáticas, como no caso do experimento realizado pelo jornal estadunidense *Washington Post* submeter o renomado violinista Joshua Bell a uma apresentação de uma hora no metrô de Washington. Ele executou o mesmo repertório que uma semana antes apresentara no Teatro de Boston por 100 dólares o ingresso. O empenho e a qualidade das notas musicais extraídas pelo talentoso musicista de seu instrumento avaliado em 3,5 milhões de dólares não foram suficientes para atrair a atenção da multidão de transeuntes. Das mais de mil pessoas que passaram por ele, apenas 6 pararam para ouvi-lo e em torno de 20 deixaram-lhe uma moeda, seguindo apressadamente para seus destinos. Ele conseguiu arrecadar 32 dólares e 17 centavos por sua performance.

ÓCIO NAS UTOPIAS

Nas utopias de Platão, Thomas Morus, Francis Bacon e Tommaso Campanella, em todas elas, há referências sobre a importância do tempo livre. Em *A República*, Platão considera que o ideal humano somente pode ser realizado na figura do cidadão filósofo, isto é, o indivíduo livre dos encargos da subsistência para a contemplação teórica da verdade e para a práxis política. Thomas Moreus descreve, em *Utopia*, que homens e mulheres dedicam seis horas diárias ao trabalho podendo escolher livremente como gozar seu tempo livre em outras atividades importantes como leitura, descanso ou lazer: "É deixado à escolha de cada um o que fazer nas demais horas do dia, quando não estão trabalhando, comendo ou dormindo. Podem, portanto, dedicar-se a qualquer ocupação que seja de seu agrado, desde que não desperdicem suas horas livres na ociosidade ou em divertimentos insensatos. Em geral esse período é dedicado a alguma atividade intelectual. Na verdade, há o costume de assistir palestras públicas antes do amanhecer. A presença nessas palestras é obrigatória apenas para aqueles que se dedicam especificamente ao estudo; no entanto, muitas outras pessoas, homens e mulheres de todas as condições, comparecem voluntariamente". Já Campanella, em *A cidade do sol*, demonstra a mesma preocupação com uma divisão do trabalho que diminua o tempo de dedicação na labuta a fim de economizar "tempo e fadigas". Em *Nova Atlântida*, Francis Bacon sonha com os tempos em que as máquinas farão todo o trabalho, deixando aos homens o tempo para cultivar livremente o espírito e o corpo.

Esse episódio oferece margem para reflexões diversas, mas o que importa aqui é observar que os deveres e a organização da vida na atualidade não favorecem outro modo de ação senão aquele que se resume na busca incessante ou por acumulação de bens ou por ideais tão vagos que poucos sabem identificar seu real sentido. Alguns mencionam motivações como "o progresso do país", ou "viver honestamente", mas sem que consigam descrever o significado delas nem identificar como as ações que realizam ajudam a se mover em direção a esses objetivos.

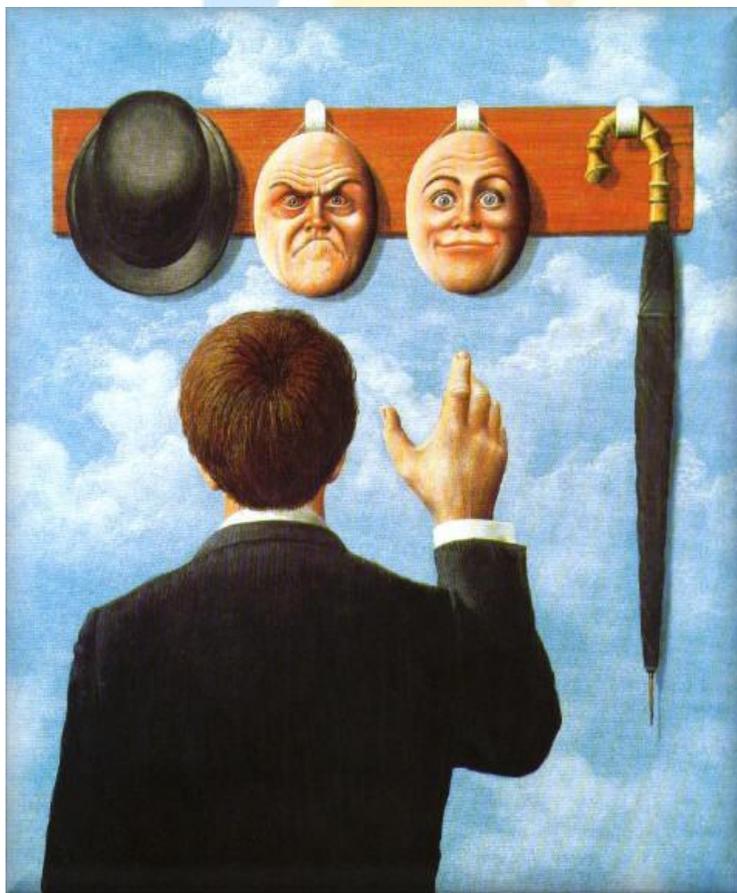
TEMPO PRIVILEGIADO

Gilles Pronovost, em *Introdução à Sociologia do lazer*, apresenta a perspectiva de tempo livre como tempo privilegiado, em que essencialmente é possível experimentar propriamente elementos como liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade etc. Se observados os alertas que fazem Horkeimer, Adorno e Debort, e com base em Pronovost, é possível

considerar que tempo livre não é apenas tempo livre da produção, compromissos e obrigações, mas também livre do conteúdo de baixa qualidade, simplificado, planificador e ordenador da maioria dos meios de comunicação de massa. Tempo livre, propriamente, somente assim pode ser reconhecido se for o tempo do autêntico processo de reflexão, avaliação e reposicionamento. Possui tempo livre o indivíduo que, livre do trabalho, se enrosca em compromissos e responsabilidades intermináveis e ainda se dedica a consumir um conteúdo cultural mastigado e sem substância? Que se submete a um entretenimento entorpecedor? Que em vão passa horas em repouso para eliminar uma fadiga que não é apenas física, mas principalmente mental?

A partir de Nietzsche, é possível supor, sem medo de errar, que a culpa disso tudo não é, como normalmente se pensa, do modelo econômico, da Indústria Cultural e de outras instituições sociais que ocupam nosso tempo. A culpa é do próprio homem. Para este filósofo, a vida em sociedade é uma maneira de o indivíduo se agarrar a uma vida fácil suscitada pelos costumes, regras morais e por sistemas racionais que condicionam o homem, isentando-o, desse modo, de enfrentar o caos da existência e se permitir à transformação em cada instante, em cada ato. Trata-se da atitude de abdicar-se da difícil porém produtiva vida dionisíaca para se submeter à parcimônia, à balofa vida apolínea.

Trata-se de uma escolha pela segurança em detrimento da produtividade intelectual e da originalidade. Em *O nascimento da tragédia no espírito da música*, Nietzsche afirma que os indivíduos "sentem, em geral, a carga e o peso da existência com um desgosto mais profundo e que precisam ser iludidas com estimulantes seletos para superar esse desgosto. Desses estimulantes é constituído tudo aquilo que denominamos civilização". E por isso em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* ele defende que "o homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho".



TRATA-SE DE ABDICAR DA DIFÍCIL, PORÉM PRODUTIVA VIDA DIONISÍACA PARA SE SUBMETER À PARCIMÔNIA, À BALOFA VIDA APOLÍNEA

O homem, portanto, para viver em sociedade, cria regras, leis, rotinas, instituições tais como família, trabalho, lazer, ciência, governos, e outros, de tal modo que tudo isso se torna um estilo de vida que, apesar de ser criada pelo homem, passa a regulá-lo e a dominá-lo. O sonho de Bacon está longe de se tornar realidade. Um mundo em que as máquinas desenvolvem todo o trabalho é impossível quando a criatura passa a dominar o criador, ou seja, quando a vida passa a ser ordenada pela dinâmica tecnológica. Ao contrário de trabalhar menos, passa-se a trabalhar mais. Se outrora a escuridão noturna era o limite para o trabalho, surgem eletricidade e lâmpada para superar esse limite. Se a distância física era o limite para a comunicação, eis que surgem os veículos de condução, telefones e internet para que o trabalho continue em qualquer lugar. Contudo, o homem se reconhece, na maioria das vezes, apenas como ser social, apenas como condicionado por uma realidade criada por ele próprio.

A única forma de resgatar o tempo livre é reconectando-se à existência, resistindo à tentação de uniformizá-la, encerrá-la em um conceito, ordená-la segundo uma certa lógica, de criar um reino de esquemas donde é "possível criar um novo mundo de leis, privilégios, subordinações. (...) O homem por medida de todas as coisas. (...) Esquece, pois, as

metáforas de origem, como metáforas, e as toma pelas coisas mesmas. (...) Esse impulso à formação de metáforas (leva à procura por) conceitos, um novo mundo regular e rígido como uma praça forte".

Nietzsche também identifica a tendência humana pela criação de estruturas lógicas para se agarrar. Em *A gaia Ciência* ele afirma que "a vida não é argumento. Armamos para nós um mundo, em que podemos viver - ao admitirmos corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé ninguém toleraria agora viver". Portanto, segundo Nietzsche, é possível recuperar a liberdade e atingir a lucidez ultrapassando conceitos e medos supersticiosos, abandonando convicções e a crença da posse na verdade incondicionada. É necessário também reconhecer a falência dos juízos éticos que a sociedade pretensiosamente insiste repousar sobre verdades absolutas.

O homem livre não nega o reino dos acasos, onde, conforme menciona Nietzsche em *Aurora*, "tudo se passa sem sentido, nele tudo vai, fica e cai sem que ninguém pudesse dizer, por quê? Para quê? Temos medo desse poderoso reino da grande estupidez cósmica, pois aprendemos a conhecê-lo, o mais das vezes, quando ele cai sobre o outro mundo, o dos fins e propósitos, como um tijolo do telhado e nos atinge mortalmente algum belo fim". A liberdade é possível àquele que não se agarra aos bem - ordenados sistemas racionais e metafísicos, sejam eles políticos, morais, científicos, econômicos etc. Por isso mesmo não confia cegamente na consciência, pois sabe que o conhecimento também se dá fora do seu controle, isto é, por meio de impulsos e pulsões de desejo, desejo de conquista, de poder e de criação. Entende a linguagem como mera porta-voz da consciência, que incapaz de abarcar o conhecimento no devir, na transformação constante, cria conceitos e se agarra a eles como pressupostos de verdades incondicionais. Ele possui "moral de senhor", ou seja, é responsável por si mesmo, sua moral é a moral em si, por isso ele é quem determina os valores. Sabe também que está em meio ao caos, que a noção de causalidade é mera representação, ilusão da mente humana e que tudo está envolvido em forças circulares, não forças que perpetuam, mas que criam e transformam.

Vale muito observar o alerta de Gilles Deleuze que em *Nietzsche e a Filosofia* afirma que a crítica em Nietzsche não é nunca uma reação, uma atitude de vingança, rancor ou ressentimento, mas sim uma ação, uma expressão ativa de um modo de existência, uma agressividade que não apresenta a negação, mas sim a diferença: "a diferença é o objeto de uma afirmação prática inseparável da essência e constitutiva da existência. O 'sim' de Nietzsche se opõe ao 'não' dialético; a leveza, a dança, ao peso dialético; a bela irresponsabilidade, às responsabilidades dialéticas". Assim sendo, Deleuze propõe que uma crítica de negação não é suficiente para um exercício completo da liberdade, visto que ela ainda se apresenta ligada à realidade criticada e negada. A verdadeira libertação surge com a criação e a exploração de novos caminhos, com uma força que não reage negando, mas sim afirmando sua diferença.

Tempo livre, portanto, somente é livre se existencial, se embriagado de vida, e embriagar-se de vida significa libertar-se do mundo prescrito, da realidade da televisão, dos filmes em que tudo funciona perfeitamente, e da visão científica em que tudo é amarrado e ajustado logicamente. Embriagar-se de vida é permitir-se ao prazer da existência, assim como também permitir-se à dor da existência. Há quem deixe de viver por temer a dor do erro e da perda, ou então insiste em forjar explicações racionais para não usufruir o prazer ou para apaziguar a dor. Assim tudo fica mais fácil, mas inevitavelmente se torna também artificial.

Às vezes o sentido de certas expressões diz muito pouco ou está muito aquém da realidade que se pretende comunicar. É o que ocorre na afirmação "oportunidade perdida", ou seja, é perdida a chance da realização de uma experiência. Entretanto, somente é possível perder algo que já se tem posse e a perda traz inevitavelmente a sensação de alívio ou falta, o que não ocorre quando se "perde uma oportunidade", visto que a experiência nunca se concretizou. É preferível a expressão "deixou de ganhar", pois ao abdicar de uma experiência decide-se nunca vivenciá-la e portanto nunca conhecer suas consequências. Portanto, trata-se de abdicar de crescer e abrir caminhos, de negar a existência em favor de uma segurança impossível.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BACON, F. **Nova Atlântida**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- CAMPANELLA, T. **A cidade do sol**. São Paulo: Ícone, 2002.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Porto: Rés Editora, 2001.
- MORE, T. **Utopia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. **A gaia da Ciência**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **Humano, demasiado humano**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PLATÃO. **A República**. Bauru: Edipro, 1994.
- PRONOVOST, G. **Introdução à Sociologia do lazer**. São Paulo: Senac, 2011.
- ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001/2002.

CRISTIANO DE JESUS é mestrando em Filosofia, mestre e doutor em Engenharia de Produção. É professor universitário de Filosofia, Ética, entre outros. Pesquisa sobre a dimensão filosófica da tecnologia e os impactos da tecnologia na sociedade. cristiano.jesus@academusnet.pro.br. **Revista FILOSOFIA, Fevereiro de 2013.**

"Amor" letal (CONTARDO CALLIGARIS)

Algumas reflexões depois de assistir a "Amor", de Michael Haneke. Adolescente, eu já achava bizarra a certeza com a qual alguns amigos se expressavam: "Se eu ficar 'assim'", diziam, "eu me mato na hora. E, por favor, se eu não me matar, seja generoso comigo, mate-me você".

O "assim" que justificava tamanha convicção dependia de relatos, leituras e filmes -ia desde uma impotência sexual talvez passageira (mas que parecia acabar com o charme da vida) até a condição terrificante do protagonista de "Johnny Vai à Guerra", livro e filme de Dalton Trumbo: o soldado Joe, sem braços, sem pernas, sem rosto, parece ser apenas uma carne disforme, enquanto a mente dele continua funcionando. Eu não concordava com a certeza suicida de meus amigos; imaginava que, antes de decidir me matar, seria bom experimentar minha nova condição durante um tempo. Afinal, em geral, as imperfeições nunca impediram os humanos de viver - ao contrário.

Na época de minha adolescência, não dispúnhamos do exemplo do físico Stephen Hawking ou de Christy Brown, o protagonista de "Meu Pé Esquerdo", de Jim Sheridan. Em compensação, um amigo de meus pais, severamente inválido, disse-me, uma vez: "Você, por exemplo, não pode voar como as aves e é desafinado como um sino quebrado; ou seja, tem coisas que não pode fazer, e você vai procurar o valor de sua vida em outras coisas, que você pode fazer. Comigo não é diferente". Entendi. Mas me sobrou um certo medo (justamente, pela leitura precoce de "Johnny Vai à Guerra"): poderia acontecer que, de imediato, por causa de um acidente cerebral ou, sei lá, de um incidente de carro, eu me encontrasse numa condição na qual eu não quisesse viver de jeito nenhum e na qual eu não tivesse sequer a capacidade material e mental de pôr fim à minha vida ou de pedir para um próximo que ele me ajudasse a morrer.

Anos atrás, conheci alguém realmente preocupado (muito mais do que eu) com essa eventualidade. Ele envelheceu desesperado, oscilando entre o medo de se matar cedo demais, quando ainda poderia viver um tempo que valesse a pena, e o perigo de esperar além da conta e decidir sair de cena quando ele não tivesse mais condição de se matar ou de pedir a alguém que o matasse. O mesmo alguém se consolava pensando assim: no caso extremo em que eu não pudesse mais pedir, quem me ama (ou melhor, quem amava aquela pessoa que eu era antes) saberá decidir que eu, embora impedido de me manifestar por minha invalidez, não estou querendo mais viver. Nessa situação, para quem me ama (ou amava, que seja), me ajudar a morrer seria um gesto de amor.

Pois é. Não é tão fácil assim nem tão claro. Na sua coluna de sexta passada, Barbara Gancia escreveu, com razão, que "o fardo de cuidar dos idosos tornou-se um dos maiores dramas da atualidade". Os avanços da medicina fazem que, hoje, sejam cada vez mais numerosos os que cuidam de próximos que sobrevivem transformados pela idade, pela invalidez ou pela demência. E sobrevivem, muitas vezes, tanto irreconhecíveis quanto incapazes de reconhecer os que cuidam deles. Perguntas básicas.

1) Será que o outro que nós amávamos, se ele pudesse escolher, toparia viver como ele está agora?

2) Será que o ser do qual cuidamos hoje é o mesmo que nós amávamos antes do acidente, da invalidez ou da demência? Se ele não for o mesmo, será que esse "novo" ser não tem seus próprios critérios do que é uma vida que valha a pena de ser vivida - critérios diferentes dos do nosso amado de antes?

3) Difícil continuar amando alguém que não nos reconhece mais. Mas será que por isso o deixaríamos morrer - por ele não ser mais aquele ou aquela que amávamos?

4) Por que sempre chega um dia em que ninguém aguenta mais cuidar? É porque o custo (em todos os sentidos) é excessivo e queremos recuperar nossas vidas? Ou é porque é quase impossível fazer o luto de um amado que já se foi, mas continua de corpo presente?

Acontece que alguém se suicide depois de ter matado um amado inválido e demente, de quem não consegue mais cuidar. É mais que uma maneira de evitar a culpa: renunciando a viver sem você, confirmo que foi por amor que matei você - ou melhor, que matei o desconhecido que tinha tomado seu lugar. Pois é, foi mesmo por amor que matei você? Ou por vingança, por você ter me deixado sozinho? Seja como for, fica confirmado, embora num sentido inabitual, que o amor resiste dificilmente ao tempo.

ccalligari@uol.com.br. Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.

O risco de colapso das Santas Casas (EDSON ROGATTI)

AS SANTAS Casas e hospitais beneficentes iniciam 2013 com dívidas de R\$ 12 bilhões. Até o final do ano, o valor será de cerca de R\$ 17 bilhões, considerando o déficit anual de mais R\$ 5 bilhões nos contratos e convênios com o SUS (Sistema Único de Saúde). Em 2011 - e a situação em 2012 foi semelhante, embora o rombo ainda não tenha sido totalmente contabilizado -, o custo nessas modalidades de atendimento foi de R\$ 14,7 bilhões e a remuneração para as entidades, de R\$ 9,6 bilhões. Esse cenário se arrasta há anos e não existem indicações de que uma solução esteja a caminho. Nessas condições, muitas instituições não sobreviverão até 2014. Fecharão as portas ou diminuirão sensivelmente o volume de atendimento ao SUS.

Atualmente, a cada R\$ 100 gastos na assistência pública, apenas R\$ 65 são ressarcidos pelo governo. Essa diferença é ainda maior nos atendimentos de média e baixa complexidade, tanto ambulatorial como hospitalar. Do total da dívida, 44%, ou R\$ 5 bilhões, é devido ao setor financeiro, com a incidência permanente de juros. Ou seja, amanhã o valor já será maior. Esse passivo crescente, é importante lembrar, existe porque o SUS deixou de cumprir sua obrigação no acordo que celebrou com as instituições filantrópicas para viabilizar sua criação. Naquela ocasião, o Estado não tinha - e ainda não tem - estrutura suficiente para oferecer o atendimento público e universal ao qual se propôs e é obrigado pela Constituição.

As entidades beneficentes são responsáveis por mais da metade do atendimento público no país. Embora tenham a obrigação de oferecer 60% da sua capacidade ao SUS, a grande maioria põe à disposição mais de 90%. Em várias, a assistência é integral. E 56% delas estão localizadas em municípios com até 30 mil habitantes, onde normalmente é a única alternativa gratuita para a população. O colapso - ou mesmo a diminuição no atendimento para o limite da lei - vai provocar um grave problema assistencial. E essa possibilidade é iminente.

O prejuízo é maior ao se analisar que os hospitais filantrópicos são eficientes. Operam com menos custos do que os federais e estaduais (que são cerca de cinco vezes mais caros) e recebem apenas um terço da remuneração paga às Organizações Sociais (OS). Diante disso, as Santas Casas e hospitais beneficentes estão organizados em torno de reivindicações básicas, que consideram indispensáveis para o início de um processo de recuperação financeira.

No documento "Carta de Votuporanga", assinado por mais de 200 instituições que atendem a 31 milhões de usuários do SUS, solicitam 100% de reajuste sobre os cem procedimentos de média e baixa complexidade com maior incidência nos valores pagos pelo Sistema de Informações Hospitalares (SIH) do SUS em 2011, os quais corresponderam a 84% do total das internações realizadas, devendo ser incluídas as diárias na área da psiquiatria. O impacto será de R\$ 6,8 bilhões, se alcançarem todos os prestadores, ou cerca de R\$ 4 bilhões somente com o setor das Santas Casas e hospitais filantrópicos. Isso poderá ser efetivado por meio da contratualização ampliada a todas as instituições (possibilidade de aumento de receita por meio do estabelecimento de metas qualitativas e quantitativas).

Também pedem anistia das dívidas relacionadas a tributos e/ou contribuições, a partir de lei específica, bem como a possibilidade de reestruturação do endividamento bancário. Sem essas medidas, 2013 pode ser o ano do colapso do atendimento público realizado pela rede filantrópica de saúde.

EDSON ROGATTI, 61, é diretor-presidente da Federação das Santas Casas e Hospitais Beneficentes do Estado de São Paulo (Fehosp). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

Lições de alimentação (ROSELY SAYÃO)

A NINA Horta que me perdoe, mas vou recomeçar o trabalho com o assunto dela: comida. Alguém já me disse que férias boas são aquelas em que a gente volta fisicamente um pouco mais cansada e gorda. Concordo porque foi assim que retornei.

Nada como relaxar, comer coisa boa, diferente e nos horários em que o organismo determina, não é verdade? Foi o que fiz, caro leitor. Cozinhei - meu lazer predileto -, li sobre comida, visitei restaurantes desconhecidos e preferidos e comi com gosto. Com muito gosto, aliás. E, nesse período, também observei muitas famílias, com filhos pequenos e maiores, ao redor da mesa ou na cozinha de casa. E mais: assisti a um documentário que tomo como ponto de partida para nossa conversa de hoje. O filme chama-se "Muito Além do Peso" e está disponível no site www.muitoalemdopeso.com.br. Eu recomendo.

Devo confessar que, entre os diversos motivos que me fazem muitas vezes sentir pena dos mais jovens, um deles é a comida. E não me refiro às questões nutricionais, de saúde ou coisa semelhante, que são pertinentes e importantes. No meu ponto de vista, comer é principalmente uma questão social e afetiva que leva ao prazer, e uma grande parcela dos mais novos não tem a chance de desfrutar desses aspectos da alimentação porque simplesmente não aprende como fazê-lo.

Eles gostam de muitas porcarias e o documentário comprova isso. Mas nem precisava, não é? Quem convive com crianças sabe que elas adoram doces industrializados, salgadinhos e refrigerantes. Não conhecem legumes, verduras e frutas e, por isso, recusam tais alimentos. Muitos, inclusive o documentário citado, creditam a preferência deles à ação danosa da propaganda dirigida ao público infantil. Claro que a publicidade tem grande influência e não apenas junto às crianças, mas sobre todos nós. Mas eu considero o comportamento dos pais o principal motivo para determinar o estilo alimentar das crianças e adolescentes.

Final, quem é que apresenta essas porcarias gostosas para as crianças? Quem é que abastece a casa regularmente com alimentos industrializados? Quem é que cede aos caprichos das crianças que querem substituir uma refeição por salgadinhos? Quem é que não aguenta negar um pedido do filho? Por outro lado, com o estilo de vida corrido de nossa época, quem é que se dedica a cozinhar para os filhos, mesmo que seja uma refeição rápida e simples? Devo dizer, caro leitor, que o cheiro da comida sendo preparada na cozinha é muito estimulante para as crianças.

Além disso, perceber que os pais (ou um deles) dedicam parte de seu tempo para fazer uma comida gostosa para o filho é, para a criança, um sinal de acolhimento e amor. E o sentido desse ato significa mais para ela do que ganhar uma porcaria gostosa quando os pais chegam do trabalho.

Ajudar a criança a refinar seus sentidos gustativo e olfativo e a desenvolver o prazer de comer com outras pessoas, inserindo-a nas tradições culinárias da família, é um modo de fazer com que ela sinta que pertence àquele grupo familiar.

E esse sentimento de pertencimento, que nos acompanha até o final da vida, é um alento perante as adversidades que enfrentamos. Comer bem, com prazer e em boa companhia é uma questão de educação. Cozinhar para outra pessoa é uma demonstração de amor.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

Sonhos de um visionário (MARCELO GLEISER)

DOS GRANDES patriarcas da ciência, Johannes Kepler (1571-1630) é o menos conhecido. Os feitos de Isaac Newton e da sua lei da gravidade (e das leis de movimento, da ótica e a criação do cálculo), de Galileu e de suas descobertas com o telescópio (e da lei da queda livre, do movimento pendular), e de Copérnico, o homem que pôs o Sol no centro do Sistema Solar, são conhecidos. E o pobre do Kepler? Temos de coçar a cabeça, tentando lembrar do que fez.

Eu bem que tentei ajudar, escrevendo um romance sobre a vida e obra dele: "A Harmonia do Mundo". Mas o que um romance pode fazer contra o mártir da ciência (Galileu), o maior gênio de todos os tempos (Newton, talvez) ou o impetuoso herói que mudou nossa percepção do Cosmo (Copérnico)? Temos de resgatar a obra de Kepler, sem dúvida um dos personagens mais fascinantes da história da ciência. Kepler descobriu as três leis do movimento planetário: planetas giram em torno do Sol em órbitas elípticas; a linha imaginária que os liga ao Sol varre áreas iguais em tempos iguais; e o quadrado do período da órbita do planeta está para o cubo da distância dele ao Sol.

Escrito assim, parece mesmo meio sem graça. Mas, como tudo na vida, o que importa é o contexto. Kepler foi o elo entre a Antiguidade e a Modernidade, um visionário que sonhava em demonstrar que o Cosmo, em sua ordem, era produto de uma mente divina versada nas leis da geometria. Para ele, fiel ao que pregavam Pitágoras e depois Platão, apenas através da matemática seria possível descrever a harmonia da criação. A relação entre o homem e o Cosmo respondia às mesmas ressonâncias que ditavam a beleza da música e o arranjo das órbitas planetárias. Nisso, Kepler via uma unificação profunda no universo, expressa através das interações entre o tempo, o espaço e a alma humana. O homem era parte indissolúvel dessa ressonância cósmica.

Na juventude, Kepler buscou justificar a astrologia através de leis ligando o homem ao Cosmo, algo que despertou grande inquietude em sua vida. Se sua espiritualidade nos parece hoje um tanto inocente, vale lembrar que o sonho de uma harmonia universal o inspirou por toda a vida e foi o responsável pelas suas incríveis descobertas: as primeiras leis matemáticas da astronomia baseadas em dados observacionais. Kepler descobriu a elipse não porque a procurava, mas porque era a única curva consistente com os dados em que baseava seus estudos, obtidos pelo excêntrico nobre e astrônomo dinamarquês Tico Brahe. Nisto, mostrou sua incrível modernidade científica: se uma teoria está em conflito com dados, mude a teoria. O círculo, após reinar por milênios, finalmente caiu.

Mesmo que sua busca por uma harmonia cósmica, o "mistério cosmográfico", fosse mais um devaneio do que ciência, ela representava a aspiração mais nobre do ser humano: transcender sua existência em busca de um saber eterno. Hoje identificamos essa mesma vertente em teorias de unificação da física, também fundadas em aspirações de uma harmonia universal, agora baseada em vibrações de cordas fundamentais: a nova harmonia do mundo. Como Kepler, sonhar é preciso. Como Kepler, o sonho só serve se, ao acordarmos, entendermos melhor o mundo real.

MARCELO GLEISER é professor de física e astronomia do Dartmouth College, em Hanover (EUA). É vencedor de dois prêmios Jabuti e autor, mais recentemente, de "Criação Imperfeita". Escreve aos domingos na versão impressa de "Ciência". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

Mario Garnero: Pós-Davos e o mundo não acabou (MARIO GARNERO)

DEPOIS DO FIM do Fórum de Davos de 2012, o pessimismo dos economistas presentes quase me fez acreditar nas previsões mais: o mundo realmente poderia acabar até dezembro. Enquanto os políticos tinham discursos por demais otimistas, os economistas previam o apocalipse: a Europa precisaria tomar medidas drásticas de austeridade. A Grécia precisava de alguma reinvenção. As empresas globais estavam fadadas ao prejuízo.

Numa pesquisa feita pela PricewaterhouseCoopers com CEOs em Davos, somente 25% dos líderes empresariais presentes acreditavam que suas empresas poderiam crescer em 2012. Os outros 75% acreditavam, no mínimo, em estagnação. Em sua maioria, apostavam no encolhimento drástico dos próprios negócios. Era o fim do mundo.

E testemunhamos o que aconteceu: a Grécia começou o ano numa panela de pressão. Portugal e Espanha também se viram nessa situação. Os mercados se acomodaram. Algumas medidas de austeridade foram tomadas (em sua maioria, atrasadas). O desemprego cresceu na Europa, as trocas comerciais caíram, mas o mundo não acabou. Nem a Europa, aliás.



Há poucos dias, o novo Fórum de Davos aconteceu. Novas previsões de um apocalipse econômico foram levantadas, mas ousou fazer aqui a minha previsão: o mundo não vai acabar. E vou além: se o Brasil souber aproveitar as mudanças que estão acontecendo, pode entrar em uma onda de crescimento real e consistente.

Por exemplo, se há um índice alto de desemprego na Europa e existe uma carência de mão de obra qualificada no país, então os profissionais de lá não só devem ser reaproveitados por aqui, como podem nos ajudar a qualificar nosso próprio contingente.

Grandes empresas pelo mundo estão de olho no Brasil --por tabela, as mais conceituadas universidades dos Estados Unidos e da Europa estão oferecendo facilidades para atrair estudantes brasileiros. Nós precisamos aproveitar todas essas oportunidades. A formação de profissionais tem que ser nossa prioridade, porque é exatamente aí que perdemos competitividade.

Também são os profissionais bem formados que vão brigar pela qualidade de serviços e de infraestrutura do país. Hoje temos cerca de 10 mil estudantes se graduando lá fora. Quando tivermos 100 mil, eu ficarei mais tranquilo. Porque é impossível ignorar 100 mil pessoas altamente preparadas e qualificadas, que querem e podem buscar soluções. Porque são essas pessoas que sabem como funciona o mundo e que vão brigar para que o Brasil comece a andar direito.

É claro que, antes disso, podemos alicerçar nossa moeda e controlar a inflação. Mas não adianta ter uma moeda forte e inflação controlada, se, ao mesmo tempo, temos portos ineficientes, estradas esburacadas, uma rede ferroviária nula e uma rede de telecomunicação

que irrita e envergonha diariamente (a inclusão do código da operadora para ligações em DDD e DDI é inexplicável. Já foi difícil para que nós compreendêssemos a lambança. Agora tente fazer um estrangeiro entender que ele não pode simplesmente dar um recall, porque é preciso redigitar todos os números, incluindo o bendito código da operadora.).

O fato é que o mundo vê hoje o Brasil com lentes embaçadas. Sabe-se que estamos trilhando um bom caminho, mas ainda nos são cobradas as medidas certas na reforma tributária, na infraestrutura e no setor de energia. Vamos continuar em frente, o mundo não vai acabar. Mas essa estrada requer muito trabalho, porque, se a encararmos como um passeio, nossa espiral de crescimento pode ter fim. E o caminho de volta é muito mais árduo de se trilhar.

MARIO GARNERO, 75, é chairman do grupo Brasilinvest e presidente do Fórum das Américas e da Associação das Nações Unidas Brasil (Anubra). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

Deputados franceses aprovam lei do casamento homossexual (AGÊNCIA FRANCE PRESS)



Casal gay manifesta a favor do casamento. Foto: ©afp.com / Alejandro Pagni

PARIS (AFP) – A Assembleia Nacional francesa adotou nesta terça-feira 12 o projeto de lei que possibilita o casamento e a adoção por casais do mesmo sexo, com 329 votos a favor e 229 contra. O projeto de lei, a primeira grande reforma social do presidente socialista François Hollande, ainda precisa ser analisado a partir de 2 de abril pelo Senado, onde a oposição conservadora pode barrá-lo.

O primeiro e mais importante artigo da futura lei prevê que “o casamento pode ser contraído por duas pessoas de sexos diferentes ou do mesmo sexo”. Ela autorizará um casal do mesmo sexo a um casamento civil. Segundo estimativas do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED), “os casais franceses do mesmo sexo que moram juntos representam 1% do número total de casais, número análogo ao de países vizinhos”.

A votação foi precedida por dez dias de intensos debates e manifestações em massa nas ruas de Paris e de grandes cidades da província, organizadas pelos defensores e opositores da reforma. Os "anticasamento gay" já convocaram um novo grande protesto para o dia 24 de março.

A polêmica questão da Procriação Medicamente Assistida (PMA) para os casais de mesmo sexo, autorizada na França para os casais heterossexuais que não podem engravidar, deve ser alvo de uma outra lei mais ampla sobre a família, que está sendo preparada para o fim do ano. O casamento homossexual era uma das 60 reformas prometidas pelo candidato François Hollande nas eleições presidenciais.

A união civil de casais na França está diminuindo, enquanto os divórcios têm aumentado. Entre 2001 e 2011, o número de casamentos civis na França passou de 300.000 para 241.000, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos (INSEE). Paralelamente, entre 2001 e 2010, o número de pactos civis de solidariedade (PACS), introduzido em 1999 – entre pessoas do mesmo sexo e entre pessoas do sexo oposto – saltou de 20 mil para mais que 205 mil. Quase 95% desses casais são heterossexuais.

No Senado, a maioria – que tem apenas seis votos à frente – pode ser tentada a votar "conforme", isto é, sem modificações, o texto aprovado pelo Parlamento para evitar um bloqueio das atividades. "O objetivo é manter a parte inferior do texto, isto é, a abertura do casamento e a adoção para esses casais. Acredito que esses artigos serão votados sem grandes mudanças, talvez integralmente", declarou o senador que apresentará o texto, o socialista Jean-Pierre Michel.

A França poderá seguir o exemplo de uma dezena de países, entre a Bélgica, o Canadá e a Espanha, que legalizaram o casamento gay. No início de fevereiro, os deputados britânicos avançaram sobre a questão, mas o projeto ainda deve ser definitivamente aprovado. Nos Estados Unidos, o casamento gay não foi legalizado no nível federal, mas foi em nove estados de um total de 50.

AGÊNCIA FRANCE PRESS. Revista CARTA CAPITAL, Fevereiro de 2013.

Engorda, mas não é comida (LUCIANA GALASTRI)

Novas pesquisas mostram que contato com substâncias químicas, falta de sono e até poluição podem aumentar o peso — Conheça a obesogênese.



VOCÊ controla com rigor sua alimentação e vai à academia quase todo dia. Mesmo assim, o ponteiro da balança resiste em baixar ou, pior, decide acusar alguns quilos a mais. Se queria uma explicação definitiva para esse dilema, talvez se sinta meio perdido com a resposta da ciência: o mundo moderno conspira das mais diversas formas para que você engorde. Há uma porção de elementos escondidos em nosso dia a dia — presentes em embalagens de alimentos, remédios e até nos tubos de PVC da rede de encanamento — que contribuem, sem que a gente se dê conta, com o ganho de peso. É o que defende Bruce Blumberg, professor de bioengenharia da Universidade da Califórnia, nos EUA, e criador do termo "obesogênicos", que é como ele chama as substâncias com o poder de incitar o corpo a acumular gordura.

De acordo com a teoria e os experimentos do especialista, os obesogênicos estimulam a retenção de banha por duas vias. Eles induzem os adipócitos, as células de gordura, a ficarem literalmente mais gulosos e

gordos, ou desregulam regiões do cérebro que controlam nossa saciedade e preferências alimentares. Células obesas em larga escala e vontade desenfreada de comer são fenômenos que ganham forma na frente do espelho: a barriga cresce, a camiseta e a calça ficam justas...

O impacto dessas substâncias no organismo pode ser até mais sério. "Observamos, em animais expostos a determinados agentes químicos, que até mesmo células-tronco, capazes de se diferenciar em vários tecidos, acabam se transformando em adipócitos", conta Blumberg. Com um número maior de células de gordura, é altíssima a probabilidade de o animal virar obeso. Blumberg acredita, aliás, que algo semelhante ocorra no corpo humano. Apesar de não estarmos expostos tão diretamente a esses compostos como cobaias de laboratório, uma série de produtos com os quais temos contato diariamente apresenta itens obesogênicos em sua composição.

Onde eles estariam? No teflon da panela, no já citado PVC e em alguns tipos de embalagem plástica de alimentos (como salsichas e bebidas industrializadas), por exemplo. No caso dos plásticos, o problema é que muitos deles contêm bisfenol-A, uma substância reconhecida por dar volume às células adiposas. Por seus riscos à saúde, ele foi banido em

diversos países e, no Brasil, proibido no ano passado — as empresas têm até o fim deste ano para abolirem o ingrediente de vez de garrafas, mamadeiras e outros recipientes. Os obesogênicos ainda estão presentes em pesticidas usados nas plantações — por isso, sem querer, eles permanecem em vegetais que chegam às nossas mesas — e na fórmula de alguns medicamentos contra diabetes e depressão.

“De 1980 para cá vivenciamos uma epidemia de obesidade. Sim, estamos comendo mais e vivemos mais sedentariamente, mas existem outros fatores coadjuvantes, como as substâncias obesogênicas, e não podemos desprezá-los”, analisa o endocrinologista Alfredo Halpern, professor da Universidade de São Paulo. Os cientistas avaliam agora qual a influência desses inimigos invisíveis na nossa propensão a engordar. Provavelmente, seu peso é menor do que o do estilo de vida em si. Até agora, e pesquisa nenhuma provou o contrário, a melhor forma de erradicar quilos extras continua sendo moderar na alimentação e praticar atividade física regularmente.

Fique sabendo, porém, que existem outros fatores, alguns deles associados aos nossos hábitos, que prestam contas à expansão ou à redução da barriga — e nesses, felizmente, podemos mesmo meter o bedelho. Estamos falando do sono, da exposição ao sol e à poluição... GALILEU foi apurar de que forma e até que ponto eles também repercutem no número da balança.

PRIVAÇÃO DE SONO

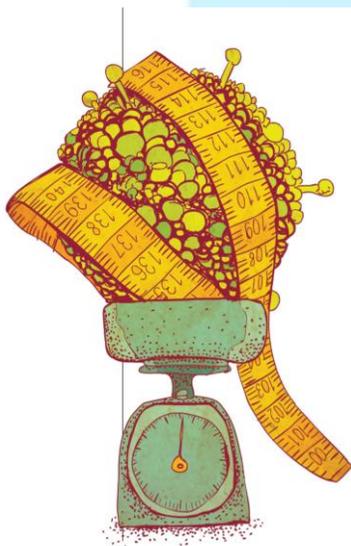
■ ■ ■ INFLUÊNCIA MODERADA



Aquele conselho que a gente ouve na infância tem sua validade científica. Um estudo da Faculdade de Enfermagem de Harvard analisou 60 mil mulheres durante 16 anos. No início da avaliação, nenhuma se encontrava acima do peso. Terminada a pesquisa, concluiu-se que quem dormia menos de 7 horas por noite engordou 30% a mais do que as voluntárias que repousaram por mais tempo. “Privar-se de sono altera o funcionamento do hormônio regulador do apetite, a leptina, o que nos faz ter mais fome”, justifica a endocrinologista Claudia Chang, do Instituto Superior de Medicina, em São Paulo. Além disso, pessoas que fogem do travesseiro ficam cansadas e têm menos vontade de se movimentar e queimar calorias. O estudo americano ainda revelou que não dormir o suficiente altera nosso padrão alimentar logo no dia seguinte. Quem deixa de descansar tende a escolher comidas mais gordurosas e ingere, em média, 30% a mais de calorias. Sem falar que as madrugadas em claro inspiram ataques à geladeira. Não é preciso banir uma noite no final de semana. O problema é tornar a privação de sono parte da rotina.

FLORA INTESTINAL

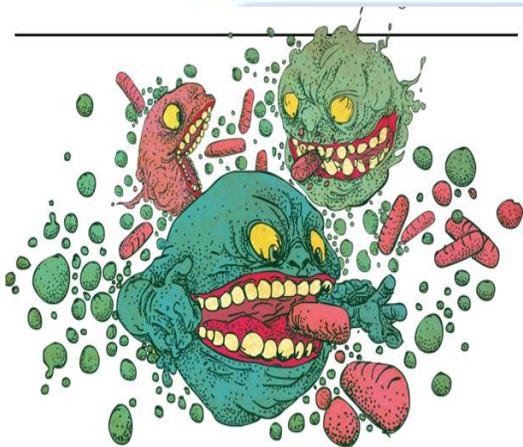
■ ■ ■ INFLUÊNCIA ALTA



As espécies e a concentração de microorganismos da flora intestinal influenciam nossa propensão a entrar no time dos gordinhos. O motivo ainda não está claro, mas é fato que magros e obesos têm floras distintas — os cientistas já notaram diferenças até entre suas fezes. “Algumas bactérias encontradas no intestino de obesos são capazes de transformar mais produtos da nossa digestão em energia”, diz o biomédico Bruno de Melo Carvalho, da Universidade Estadual de Campinas. O problema é que esses substratos liberados pelos micro-organismos podem acabar convertidos em gordura. Aliás, está na flora uma das explicações para o fato de crianças nascidas de cesariana enfrentarem um maior risco de se tornarem obesas se comparadas às que vêm ao mundo por parto normal. Ao passar pela vagina da mãe, o bebê entra em contato com mais bactérias, que colonizam o intestino do recém-nascido e estabelecem uma flora em ordem e menos gluttona.

VÍRUS

INFLUÊNCIA MODERADA



O adenovírus Adv 36 é conhecido por provocar resfriados e infecções oculares em seres humanos. Mas uma investigação do Centro de Pesquisa Biomédica de Pennington, nos Estados Unidos, o apontou como um possível causador de aumento de peso. “Os cientistas encontraram maiores níveis de anticorpos associados a esse vírus em obesos”, explica Alfredo Halpern. Isso sugere que eles contraíram o Adv 36 e, como efeito colateral, seu corpo passou a estocar mais gordura — algo já comprovado em galinhas e macacos. Ainda não se sabe, porém, o impacto da “infect obesidade” em humanos. Diante da dúvida, fique longe de quem está espirrando.

POLUIÇÃO

INFLUÊNCIA MODERADA



Você vive em uma cidade grande? Se a resposta é “sim”, lamentamos: suas chances de passar para o tamanho GG também são maiores. É o que aponta uma pesquisa divulgada pelo Hospital Universitário de Glostrup, na Dinamarca, depois de monitorar por 22 anos mais de mil cidadãos. Os médicos dinamarqueses acusam certos poluentes e níveis mais altos de dióxido de carbono (CO₂) de desregularem os mecanismos de acúmulo de gordura e controle do apetite. Eles descobriram que tanto magros como gordinhos estavam ganhando um pouco de peso e isso estava relacionado com o expressivo aumento na concentração de CO₂ na atmosfera. Esse gás teria a capacidade de atrapalhar, lá no cérebro, a ação da orexina, um hormônio que ajuda a regular a saciedade e o gasto de energia. A mesma equipe de pesquisadores expôs, em outro experimento recente, 3 voluntários a quantidades crescentes de CO₂ — chegando a 350 partes por milhão, o limite do que seria suportável — e outros 3 a um ar mais limpo. Depois de 7 horas, todo mundo foi autorizado a matar a fome. E não é que os indivíduos com maior concentração de gás carbônico no sangue comeram 6% a mais do que o restante!

PARTO E AMAMENTAÇÃO

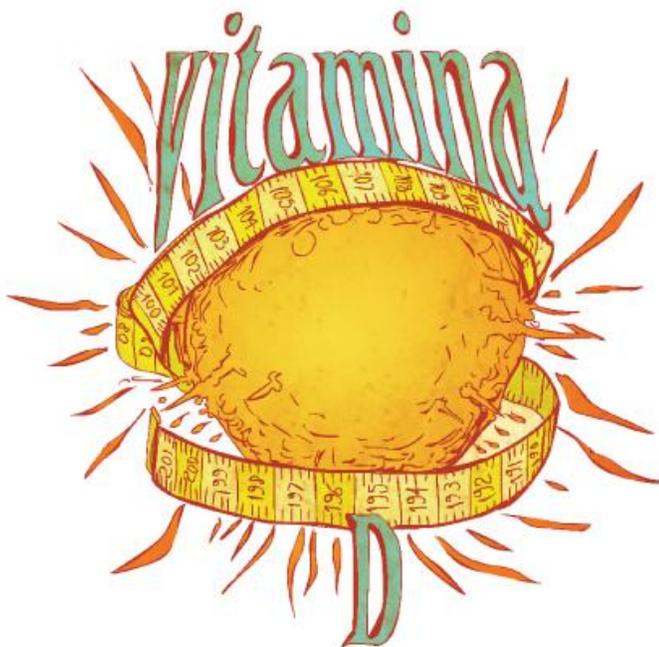
■■■ INFLUÊNCIA ALTA



Quando uma criança nasce abaixo do peso ideal, seu organismo franzino precisa se esforçar para se desenvolver direito. Nesse processo, ele entende que deve armazenar muita energia a fim de sobreviver. O corpo do bebê pequeno — que muitas vezes é prematuro — passa a estocar uma maior quantidade de calorias fornecidas pelo leite materno ou por outras fontes e não há melhor jeito de guardar essa energia toda do que na forma de gordura. É uma ironia: a criança que nasce magrinha tem, sobretudo na infância e adolescência, uma maior probabilidade de ficar gorda. Haveria uma estratégia para minimizar esse risco. A amamentação parece exercer, segundo novos estudos, um efeito antiobesidade para o recém-nascido. O leite humano possui substâncias que regulam o metabolismo e o apetite do bebê, algo essencial para que ele aprenda, desde os primeiros meses de vida, a ficar saciado sem exageros.

FALTA DE SOL

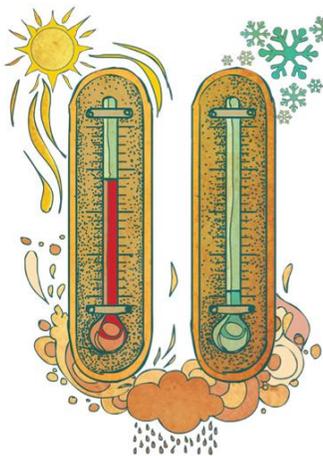
■■■ INFLUÊNCIA MODERADA



Nos últimos anos, estudos provaram que pessoas obesas apresentam menores níveis de vitamina D — substância fabricada quando a gente fica sob o sol — do que aquelas em paz com a balança. “Ainda não sabemos se isso é apenas uma associação fortuita ou realmente uma relação de causa e efeito”, analisa a endocrinologista Claudia Chang. Segundo a médica, a vitamina D é facilmente dissolvida em gordura. Se o corpo tem reservas gordurosas demais, a concentração da substância despenca, o que justificaria sua deficiência entre os gorduchos. Investigada por participar de diversos processos fisiológicos e proteger o organismo de osteoporose e doenças cardiovasculares, a vitamina D ainda parece potencializar a ação da insulina, o hormônio que permite às nossas células recarregar sua cota de energia. “Se o corpo não tem níveis suficientes dessa vitamina, se sente forçado a produzir mais insulina e essa sobrecarga resulta em ganho de peso”, diz Claudia. Tomar banhos de sol diários de cerca de 15 minutos tende a suprir a demanda — além do bronzeado, o peso agradece.

CLIMATIZAÇÃO

INFLUÊNCIA BAIXA



O ar-condicionado está no carro, no trem, no escritório... e, apesar do frescor em dias quentes, pode ajudar a encher os pneus na cintura. É que, em um ambiente sem climatização, o corpo precisa regular sozinho sua temperatura interna e, assim, queima gordura. Quando o clima fica agradável o tempo todo, o organismo não se estressa e deixa de torrar calorias. Segundo o médico Alfredo Halpern, da USP, o gasto é ainda maior quando está frio e o corpo precisa se esquentar. Por isso, se pretende perder peso no inverno, desligue o aquecedor.

LUCIANA GALASTRI é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista GALILEU, Fevereiro de 2013.**

Somos todos bipolares? (CRISTIANE SEGATTO)



ACREDITO, sinceramente, no valor dos pequenos prazeres. Todos os dias faço o possível para encontrar os meus aqui, acolá, do jeito que dá. Na volta de uma viagem de férias, por exemplo, gosto de reservar uns dias para olhar São Paulo como se fosse turista. Ir a um cinema na Avenida Paulista, às quatro da tarde, em plena segunda-feira sempre desperta em mim uma felicidade única.

Imaginar que sou dona do meu tempo, que nenhuma reunião me aguarda, que nenhum texto é urgente, que o mundo real persiste em seus passos incertos enquanto embarco livremente numa fantasia bem contada é um dos prazeres que mais valorizo na vida. Simples, barato, mas nem sempre disponível. Foi com esse espírito que assisti,

na última semana de janeiro, ao filme americano *O lado bom da vida*, que concorre ao Oscar em oito categorias. É uma comédia romântica, sem que isso seja um demérito. Não é daqueles caça-níqueis explícitos, que fazem a gente lamentar a escolha e o dinheiro gasto.

O bonitão Bradley Cooper faz Pat, um rapaz bipolar que tenta retomar o controle de sua vida depois de uma internação psiquiátrica. É com excesso de otimismo e apegado ao lema "Excelsior" (algo como "sempre pra cima") que ele tenta se readaptar à sociedade. Até que encontra Tiffany (Jennifer Lawrence), a mocinha igualmente complicada que tem compulsão por sexo. É uma história que emociona, diverte e faz pensar. O que vemos na tela é uma versão light, palatável, sobre a realidade das famílias que convivem com a doença.

Pat sofre um trauma e a doença aparece. Não, ele não é um sobrevivente do 11 de Setembro, nem um soldado que retorna da Guerra do Iraque. Adoece depois da traição da mulher. Se todos os traídos pelo parceiro reagissem com o desequilíbrio de Pat a vida em grupo se tornaria impossível. Pois a impulsividade dos personagens é também uma marca da nossa sociedade. Por que há hoje tanta gente incapaz de processar e sobreviver às amarguras da vida? Esse é um bom assunto para outra coluna...

A vida é dura. Duríssima, se pensarmos em termos evolutivos e em tudo o que a humanidade precisou vencer para chegar até aqui. Fatores estressores sempre existiram. A questão é que cada ser humano é único e reage a esses estressores de forma diferente. Nem toda pessoa submetida a um stress desenvolverá uma doença psiquiátrica. Felizmente, não. Mas ele pode ser o gatilho para o aparecimento dos sintomas se a pessoa já tiver propensão genética ao transtorno.

Os estudos demonstram que parentes próximos aos que sofrem de transtorno bipolar estão mais predispostos a desenvolver a doença que a média das pessoas. No filme, o pai de Pat, interpretado por Robert de Niro, também é impulsivo e demonstra sinais de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). A atuação de De Niro é memorável. Daqui a alguns anos, vou me lembrar desse filme como "aquele em que o De Niro tem um filho bipolar".

Nesta semana soube que o ator se envolveu profundamente com esse trabalho. Ele chorou numa entrevista de TV ao comentar o fato de ter acompanhado a luta do diretor David O. Russell, que tem um filho bipolar de 18 anos. O garoto, Matthew, faz uma participação no filme. É o vizinho curioso que vive batendo à porta da família.

O filme contribui para que o transtorno bipolar seja conhecido, mas ele não pode ser banalizado. De uns tempos para cá, se dizer bipolar virou "in". Há quem use camiseta com a inscrição "Sou bipolar". Acho estranho.

Quem usa essas camisetas não faz isso por mal. Usa porque é "cabeça", pega bem. Ou, quem sabe, porque acredita ser um modo de expressar que de perto ninguém é normal. Isso não significa que sejamos todos bipolares. Não somos.

Esse é um transtorno mental que acomete de 1% a 3% da população, segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). No passado, era chamado de psicose maníaco-depressiva. É uma doença que precisa de diagnóstico correto e tratamento cuidadoso. Quem sofre dessa doença alterna momentos de depressão e episódios maníacos, quando o paciente apresenta uma sensação de grande energia.

Pode permanecer acordado, agitado ou realizando tarefas durante muito tempo seguido, sem se cansar. Exatamente como vimos no filme. A seguir, uma descrição dos sintomas mais comuns, preparada pela ABP: O pensamento fica acelerado. Pode ser observada uma fala muito rápida ou um fluxo de ideias confuso, passando de um pensamento a outro por ligações tênues.

A pessoa pode acreditar que tem múltiplas capacidades ou ter uma sensação de grandeza (se achar um grande artista, político ou atleta, por exemplo). O descontrole de impulsos pode se manifestar de várias formas:

- Gastos excessivos
- Direção perigosa
- Conduta sexual exacerbada
- Sensação contínua de alegria, que não pode ser abalada nem por pensamentos tristes
- Episódios de irritabilidade ou agressividade

Às vezes, os episódios de mania ou depressão podem ser acompanhados por sensações que não correspondem à realidade. Por exemplo, ouvir vozes que outras pessoas não podem ouvir ou julgar estar envolvido em algum tipo de conspiração ou plano. Assim como ocorre com a depressão, as causas do transtorno bipolar são múltiplas: fatores bioquímicos (alterações em neurotransmissores), genéticos e ambientais.

Felizmente, essa é uma doença tratável. Não significa que seja fácil, mas aceitar a condição do paciente e persistir no tratamento torna a doença administrável. O tratamento é feito com medicamentos chamados de estabilizadores do humor e pode ser complementado com sessões de psicoterapia. Contribuir para quebrar o tabu que ainda ronda a psiquiatria e quem precisa dela é uma grande ajuda. David, Cooper, Jennifer e De Niro fazem isso de um jeito muito especial.

CRISTIANE SEGATTO Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. Email: cristianes@edglobo.com.br.
Revista ÉPOCA, Fevereiro de 2013.

Inteligência policial e o crime organizado (ARMANDO MONTEIRO NETO)

DADOS DO Ministério da Fazenda e da Secretaria do Tesouro Nacional mostram que as despesas realizadas pela União com segurança pública totalizaram R\$ 9 bilhões em 2010. Somados aos gastos dos Estados, o montante chegou a R\$ 47 bilhões no período.

Mas episódios como os observados em São Paulo e, recentemente, em Santa Catarina, sugerem que o enfrentamento da crescente violência exige mais do que apenas a garantia de recursos. O Estado brasileiro precisa rever sua estratégia geral de combate à criminalidade. É notório que evoluiu a cooperação entre grupos que atuam em diferentes nichos criminais e em diferentes regiões do Brasil, como também cresceu seu poder no rastro do rápido desenvolvimento de novas tecnologias e da exploração de gama diferenciada de ilícitos, como a biopirataria, o tráfico de órgãos, a falsificação de produtos industriais e a expansão do tráfico de drogas e armas. A expansão do crime organizado exerce forte pressão sobre os sistemas nacionais de segurança pública.



A construção de um sistema de inteligência policial em rede é parte do enfrentamento do problema. Nesse caso, o trabalho de inteligência não é privativo de agências policiais especializadas, mas encontra-se distribuído no sistema de Justiça criminal. Tal enfoque tomou forma após os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos e disseminou-se não apenas entre as nações diretamente afetadas por ameaças terroristas, mas também em países que convivem com organizações criminosas.

O crime organizado tem natureza complexa e envolve atividades realizadas em diferentes jurisdições. É necessário dispor de razoável capacidade tecnológica e de conhecimento especializado para detectar e reprimir as atividades dos grupos que o praticam. O sucesso da ação dependerá da capacidade de os agentes estatais reduzirem os conflitos entre instituições que atuam em diferentes níveis e com competências diversas.

As Polícias Militares realizam a maior parte das prisões em flagrante. Mas é preciso uma nova legislação que garanta maior participação das polícias ostensivas (Militar e Rodoviária Federal) nas atividades de inteligência. Tais tarefas, apesar de contínuas e fundamentais, estão desamparadas do ponto de vista legal e requerem regulação constitucional.

Uma boa resposta seria a reforma do artigo 144, com o objetivo de permitir às polícias ostensivas atuar em cooperação com as judiciárias (Civil e Federal) nas suas investigações, além daquelas conduzidas pelo Ministério Público. A regulação constitucional dessa

matéria visa não apenas a proteção dos policiais envolvidos nas atividades de inteligência, mas tem o objetivo precípuo de garantir que o Ministério Público disponha de meios para exercer o controle externo das polícias que passarão a ter a prerrogativa legal de realizar atividades de inteligência.

O aspecto positivo dessa regulação é o potencial de eliminar os embates corporativistas hoje existentes entre órgãos policiais e estabelecer uma lógica de cooperação em benefício da segurança pública. Cabe ao Poder Legislativo preencher a lacuna legal existente. A experiência externa mostra que não há melhor momento para combater o crime organizado do que em estágios iniciais. Depois, o custo das intervenções aumenta exponencialmente. Essa dinâmica afeta diretamente a estabilidade política de vários países latino-americanos.

ARMANDO MONTEIRO NETO, 60, senador pelo PTB de Pernambuco, é membro da Comissão Especial de Reforma do Código Penal. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

De volta ao crack (DRÁUZIO VARELLA)

TENHO contato com usuários de crack há 21 anos. Em entrevista à jornalista Cláudia Collucci, publicada na **Folha** em 28 de janeiro, expus o que penso sobre a internação dos usuários contumazes. Recebi alguns e-mails de pessoas que concordaram com as razões por mim expostas; outros, com críticas civilizadas e inteligentes, como as de meu colega da **Folha** Hélio Schwartzman, de quem sou leitor assíduo; outros, ainda, indignados, que só faltaram acusar minha progenitora de haver abraçado a mais antiga das profissões.

Ao defender a internação, expressei minha revolta contra os que politizam esse tema, com jargões dos anos 1960. Infelizmente, alguns profissionais que prestam assistência a usuários nas ruas sentiram-se ofendidos. A eles peço desculpas, não foi minha intenção generalizar, eu me referia aos que se manifestam em consonância com agendas pessoais distantes da realidade. Quando exponho ideias que são contestadas por quem pensa de maneira radicalmente oposta, procuro fazer um esforço sincero para aceitar os argumentos contrários como se fossem meus, e tivesse que defendê-los num debate imaginário. Esse contorcionismo intelectual tem me ajudado a rever posições que julgava definitivas.

Neste caso, entretanto, há aspectos que me impedem de mudar de opinião, ainda que me acusem de autoritário e fascista, deformações alheias à minha personalidade. Minha experiência com usuários de crack começou na antiga Casa de Detenção, em 1992, ano em que essa praga desalojou no presídio e nas ruas a moda de injetar cocaína na veia.

Perdi a conta de quantos óbitos atestei nos dez anos seguintes; meninos e homens maduros mortos por overdose ou assassinados a facadas por seus credores. Vi jovens fortes definharem até a caquexia, contrair tuberculose e morrer com o cachimbo ao lado. Fiz diagnóstico de infarto do miocárdio e derrame cerebral por overdose em rapazes de menos de 30 anos. Ladrões de renome entre seus pares suplicavam para ser trancados em cela forte, única saída para fugir da tentação.

Hoje, na penitenciária feminina, vejo meninas presas na cracolândia repetir o que jamais imaginei ouvir: "Graças a Deus vim presa. Se continuasse naquela vida, já teria morrido". Internar à força alguém em pleno domínio das faculdades mentais é inaceitável, mesmo quando há risco de suicídio. Decidir conscientemente despedir-se da vida é direito tão inalienável quanto o de lutar para preservá-la.

A diferença, no caso do crack, é que não consigo me convencer de que o menino com o cobertorzinho nas costas, pele e osso, sem forças sequer para roubar, reúna condições psíquicas para tomar outra decisão que não seja a de ir atrás da próxima pedra. Não falo de usuários ocasionais, passíveis de abordagem ambulatorial, mas de pessoas gravemente enfermas que correm risco de morrer de pneumonia, tuberculose, overdose ou nas mãos dos desafetos.

Deixá-los nas ruas à espera de que resolvam procurar ajuda por livre e espontânea vontade ou sejam convencidos por profissionais competentes e bem-intencionados pode dar resultados concretos para alguns casos, mas exige um tempo de sobrevivência que a maioria dos doentes mais graves não dispõe. Você poderá dizer que essa estratégia é cara e de eficácia duvidosa. Pode ser, mas para os casos mais dramáticos não vejo outra.

Mesmo que ao sair da clínica o usuário recuse o acompanhamento ambulatorial e volte para a cracolândia, terá valido a pena. Estará com mais saúde, terá recuperado parte do peso perdido e sido tratado das doenças que o debilitavam. Se for mulher grávida, terá acesso aos exames pré-natais e chance de permanecer abstinente até o fim da gravidez, possibilidade remota na rua.

É evidente que o impacto será muito menor se, ao receber alta, o ex-usuário for abandonado à própria sorte. Haverá necessidade de recursos financeiros para a criação de ambulatorios e formação de pessoal especializado. Também custará caro, mas a sociedade está diante de uma tragédia humana sem precedentes. Todos os países que destinaram áreas públicas para o consumo de drogas ilícitas desistiram da experiência porque houve aumento da mortalidade. Nossas cracolândias por acaso não são espaços públicos destinados ao livre consumo?

DRÁUZIO VARELA escreve a cada 14 dias para esta publicação na seção de saúde. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2013.**

Adoção sem fronteiras (LAURA DAUDÉN)

Os brasileiros começam a superar os preconceitos e aceitar crianças que estavam fadadas a crescer em abrigos: negras, mais velhas e com necessidades especiais



O ANO era 1973. O Brasil da ditadura militar ainda nem sonhava com um estatuto que garantisse o direito das crianças e dos adolescentes, que só chegaria em 1990, após a redemocratização. Em Curitiba, no Paraná, Hália Pauliv, hoje com 75 anos, adotava duas meninas, ambas de pele branca, tal como a sua, e ainda bebês, como a sociedade preconizava. "Adotei num tempo em que havia muito preconceito. Só se escolhiam bebês e os maiores iam para reformatórios", diz Hália, que atualmente coordena um grupo de apoio chamado Adoção Consciente. A transformação ocorrida nessas últimas quatro décadas pode ser ilustrada na experiência de uma de suas filhas, Fernanda, 39 anos. Em 2009, ela adotou as irmãs Maria Vitória, hoje com 8 anos, e Elizabete, de 11. No passado, adoções como essas, envolvendo crianças mais velhas, negras, grupos de irmãos ou com algum tipo de deficiência eram consideradas quase impossíveis. Com isso, essas pessoas fatalmente perdiam a oportunidade de recomeçar suas histórias em uma nova família. Mas números divulgados no fim de janeiro pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), órgão responsável pelo Cadastro Nacional de Adoção (CNA), mostram que o Brasil está se redimindo desses longos anos de preconceito. Os pretendentes estão cada vez menos exigentes com relação à cor da pele, ao sexo e à idade. Além disso, ainda que de maneira mais lenta, estão mais abertos a adoções especiais, de crianças portadoras de algum tipo de enfermidade ou deficiência. Essa tendência, já bastante consolidada entre os adotantes estrangeiros, começa a diminuir as brutais diferenças entre o perfil requerido pelos pais e a realidade das crianças abrigadas no País.

GRANDE FAMÍLIA

Com dois filhos naturais, Lucas, 20 (à esq.), e André, 14 (à dir.), o casal Aristéia e Alberto conseguiu a guarda de Mateus, 15, e Daniele, 11



Em 2010, 31% dos inscritos no cadastro se diziam indiferentes à cor da pele. Hoje, são 38%. A mesma variação se vê no caso da idade. Há dois anos, quase 20% dos pretendentes exigiam crianças menores de um ano. No último levantamento do CNA, eles somam apenas 16% (leia quadro). O coordenador de Infância e Juventude do Tribunal de Justiça (TJ) de São Paulo, Antonio Carlos Malheiros, explica que a adoção de crianças mais velhas já é uma realidade no caso das adoções internacionais. Segundo um levantamento do TJ feito entre janeiro e junho de 2012, 36 das 49 adotadas por estrangeiros no Estado tinham mais de 6 anos. Para o desembargador, a mudança que estamos vivendo é reflexo da nova lei de adoção, de 2009. Ela obriga que os adotantes passem por uma orientação junto aos grupos de apoio antes de serem habilitados. "Esse trabalho de conscientização fez determinados preconceitos cair por terra", afirma. A percepção é compartilhada por Silvana do Monte Moreira, presidente da Comissão Nacional de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito da Família (Ibdfam). "A gente deve apresentar aos pretendentes a realidade nua e crua. A maior parte das crianças é negra, tem mais de 5 anos e algum tipo de doença", diz. "Isso tem aberto o coração das pessoas para o fato de que filho a gente não escolhe, filho chega."



PRIMEIRAS DIFICULDADES

Há quatro anos Cristiane Pinto adotou Aline, 16. O começo difícil, povoado de pesadelos, doenças e reações inconstantes da menina, foi vencido com paciência e amor



MUDANÇA DE TENDÊNCIA

Há 40 anos, Hália Pauliv adotou Fernanda, 39, ainda bebê. Há três anos, sua filha optou por duas irmãs mais velhas: Maria Vitória (à esq.), 8, e Elizabete, 11

ficou plasmado na nova lei de adoção. Nela, o Estado brasileiro vê os pretendentes como parte da solução para o problema das crianças sem família, e não o contrário. “Não se buscam crianças adequadas às famílias, mas famílias adequadas às crianças”, diz Roberto Beda. É importante, portanto, que pais e mães que desejam adotar tenham plena consciência do que os motiva. Segundo a psicóloga Cintia Liana Reis de Silva, que atua na organização italiana Senza Frontiere Onluz de adoção internacional, é preciso identificar o que desperta o desejo de adotar. “Se a vontade do adotante é legítima e saudável, o sucesso está quase garantido”, afirma.

A analista de departamento pessoal Andréa Sampaio, 40 anos, carregou essa vontade desde a infância. Quando pequena, pediu que sua mãe lhe comprasse uma boneca negra que vinha com certificado de adoção. A certeza de que seria mãe adotiva foi compartilhada mais tarde com o marido, Eduardo Giraldi, e culminou com a adoção, em 2003, de um menino negro de apenas 3 meses que estava abrigado em Salvador, na Bahia. “As pessoas não queriam fazer uma adoção inter-racial por ter medo de falar sobre adoção”, diz. Diego, hoje com 9 anos, logo pediu uma irmã aos pais. Vitória chegou em 2008, aos 2 anos e meio, depois de ser abandonada em um centro de acolhimento, em São Paulo. Sobre o preconceito, Andréa sentencia: “As mudanças culturais que geraram novas estruturas familiares estão abrindo caminho para a quebra dos velhos estigmas.” Além disso, recentes estudos mostram que a aceitação e a vivência da diversidade pela família são positivas para o desenvolvimento dos adotados. Uma pesquisa publicada em 2010 pela professora Gina Miranda Samuels, da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, revela que o aprofundamento da identidade racial é extremamente importante para o filho fruto de uma adoção inter-racial – conclusão que coloca em juízo a prática de não assumir as diferenças na cor da pele. Esse tipo de esclarecimento é fundamental para quem se sente inseguro na hora de delimitar o perfil da criança a ser adotada.

Justamente por não se tratar da escolha de um produto em um supermercado, a adoção não está imune a eventuais conflitos e problemas, assim como acontece com a criação de um filho biológico. “Para muita gente, a adoção é um sonho, e não funciona assim”, afirma a administradora pública Cristiane Pinto, 35 anos, mãe de Aline, 16, adotada há quatro anos. “A nossa filha veio com uma bagagem muito pesada e a gente percebia isso nos pesadelos, na saúde, nas reações inconstantes. Tivemos de ter paciência, dialogar e dar muito amor para vencer essas barreiras.” É esse tipo de experiência que vem sendo compartilhada nos 124 grupos de adoção formais e informais espalhados pelo País, segundo a Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção. Eles vêm ajudando a desfazer mitos e a orientar os pais nos momentos mais difíceis. Roberto Beda, presidente do Grupo de Apoio à Adoção de São Paulo (Gaasp), afirma que, nos encontros que acontecem mensalmente e reúnem pretendentes e pais que já adotaram, os participantes têm a oportunidade de trocar informações sobre como proceder, por exemplo, em casos de regressão – uma reação bastante comum nas adoções tardias. “As crianças têm comportamentos que não condizem com a sua idade. Chupam chupeta, fazem xixi na cama. É como se eles tivessem que renascer na nova família”, diz. Beda afirma que esse é um indicador positivo de adaptação, mas pode ser mal interpretado se os pais não tiverem conhecimento anterior.

Foi justamente a participação em um desses grupos que revirou o entendimento que a oficial de justiça Paula Cury, 43 anos, tinha sobre a adoção. “Em 2006, quando dei entrada na minha habilitação, achava que só se adotavam bebês”, diz. Hoje ela é mãe de Rodrigo, 6 anos, diagnosticado com paralisia cerebral, de Maria Luiza, 5 anos, portadora do vírus HIV, dos irmãos biológicos Laura, de 15, e Alexandre, 13, além de Maria Eduarda, que tem 7 anos e sofre de hidroanencefalia, macrocefalia, paralisia cerebral grave e epilepsia. Ela também coordena um fórum na internet com a intenção de informar as pessoas sobre a adoção de crianças com alguma necessidade especial. “Não pode ser um ato de caridade, porque você logo vai cobrar da criança uma gratidão que não existe. A adoção tem de ser muito consciente”, afirma.

Esse entendimento cuidadoso do processo, que preza pela real capacidade do adotante de satisfazer os interesses da criança,

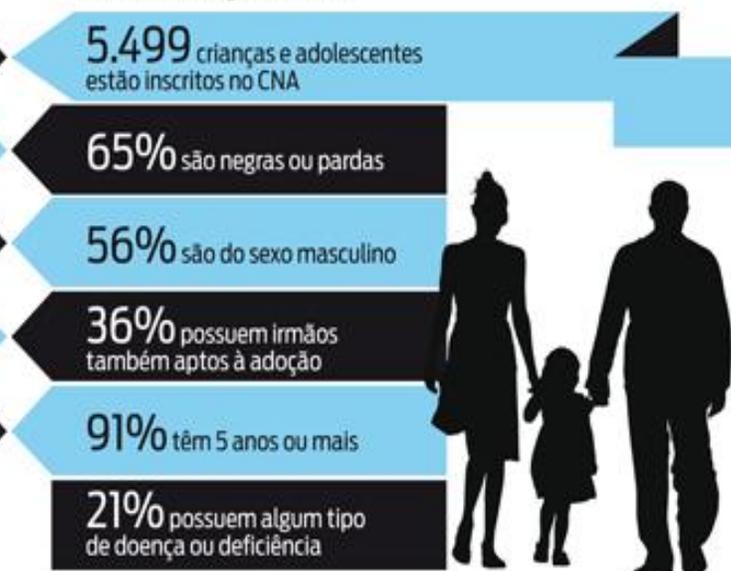
Em busca de um filho

O que querem os brasileiros inscritos no Cadastro Nacional de Adoção (CNA)



À espera de uma família

O perfil das crianças e adolescentes aptos à adoção no País



*Fonte: Conselho Nacional de Justiça

“Nós nunca sofremos nenhum tipo de preconceito, mas eu vivo me preparando para isso”, afirma a gerente de marketing Maria Aparecida Vasconcelos, mãe de Catarina, 4 anos, que foi adotada há um ano e meio, em São Paulo. A sua estratégia para trabalhar as diferenças é a transparência. “Ainda que ela veja tudo de maneira lúdica, explico que ela não nasceu da minha barriga, apesar de eu ser sua mãe.” A mesma filosofia foi aplicada por Alessandra Marangoni, mãe da menina N.L., que hoje tem 2 anos e cuja mãe biológica era portadora de HIV. “N.L. não nasceu de mim, mas para mim. Ela tem uma história que precisa ser respeitada e eu não vou tirar esse direito dela”, afirma. Sobre a decisão de adotar uma criança com possibilidade de ter Aids – recentes exames constataram que ela era negativa para o vírus –, Alessandra afirma que tinha mais medo de que um de seus dois filhos biológicos morresse de asma. “É uma doença? É. Tem chance de morte? Tem. Mas não é um bicho de sete cabeças.” Dados do CNJ de 2012 mostram que 1107 crianças aptas à adoção têm problemas de saúde. Dessas, 144 têm o HIV.

SONHO PARTILHADO

Andréa Sampaio sonhava adotar desde a infância. Adulta, dividiu o desejo com o marido, Eduardo Giraldi. Primeiro chegou Diego, hoje com 9 anos. Depois, Vitória, 6



A Associação Paranaense Alegria de Viver (Apav), de Curitiba, é um dos centros de acolhimento que recebem apenas portadores do vírus. Ao longo de duas décadas, a organização já atendeu mais de 120 crianças e jovens. A fundadora Maria Rita Teixeira, 60 anos, que tem três filhos biológicos e um adotado, resalta que, uma vez superado o preconceito, o mais difícil é transpor os obstáculos da Justiça. “As crianças que recebemos são encaminhadas pelo juiz e logo esquecidas. As destituições familiares, essenciais para as adoções, simplesmente não acontecem.” Uma situação similar impediu que, em 2010, Aristéia Rau, 48 anos, e seu marido Alberto, 55, adotassem quatro crianças portadoras de HIV em Curitiba. Mesmo depois de conseguir a guarda de duas crianças do Rio de Janeiro, Mateus, 15 anos, e Daniele, 11, o casal resolveu se manifestar contra a falta de justificativas da Vara da Infância e fundou o Movimento Nacional das Crianças Inadotáveis (Monaci). O objetivo é chamar a atenção para os abrigados que ainda não estão na lista do CNA por conta da demora nos processos. “A situação das crianças em abrigos é uma verdadeira caixa-preta”, afirma Aristéia. O CNJ estima que 43.915 crianças estejam em centros de acolhimento em todo o País. Dessas, apenas 5.499 estão aptas à adoção.



Gabriel Matos, juiz auxiliar do conselho, afirma que “existe um preconceito de que a criança destituída ficará sem família durante o período de acolhimento, o que gera certa letargia do Judiciário na hora de julgar esses casos”. Para resolver esse problema, o Conselho promete adotar um sistema integrado de informações com o Ministério Público e o Ministério de Desenvolvimento Social e fazer um levantamento do número de crianças abrigadas que ainda precisam passar pelo processo. Segundo a juíza Maria Lucia de Paula Espíndola, da 2ª Vara da Infância e Juventude de Curitiba, a destituição deveria durar até 120 dias, mas a dificuldade de encontrar todos os familiares e conseguir todas as negativas necessárias para entregar a criança à adoção atrasa o processo. “Entendemos que os trâmites não podem ser rápidos porque temos de ter responsabilidade. Mas é fato que nosso Judiciário não está bem estruturado”, afirma Antonio Carlos Malheiros. “As nossas varas ainda não são especializadas e precisamos quadruplicar o número de técnicos.” Considerando que, apesar da paulatina mudança de comportamento dos brasileiros, o passar do tempo ainda reduz substancialmente as chances de essas crianças serem adotadas, a mudança é urgente.

O PASSO A PASSO DA ADOÇÃO

1ª FASE HABILITAÇÃO

Essa etapa dura cerca de **9** meses

1 Informe-se. **Busque orientação** nos grupos de apoio à adoção e também na Vara da Infância mais próxima

2 Na Vara da Infância de sua comarca, preencha um **requerimento de habilitação à adoção**, que será anexado a uma série de documentos como RG, CPF, declaração de bons antecedentes, com firma reconhecida por pessoa que não tenha vínculo familiar com você, e certidão civil e criminal do local de domicílio, entre outros

3 **Frequente um grupo de apoio à adoção.** A lei exige que os pretendentes passem por um treinamento. O número de sessões é determinado por cada Vara da Infância, mas costuma variar entre três e cinco. Se for casado, seu cônjuge também deverá participar dos encontros

4 **Esperre a visita da equipe técnica,** que verificará se você possui condições socioeconômicas de acolher o filho adotivo. Ela também fará entrevistas com os demais membros da família (filhos biológicos, por exemplo)

5 Você será **convocado para falar com o psicólogo** da Vara da Infância. Outros membros da família também podem ser chamados. Os relatórios da visita e da entrevista serão anexados ao processo

6 Aguarde o parecer do Ministério Público e, depois, a sentença do juiz. Se ela for positiva, você será automaticamente **incluído no Cadastro Nacional de Adoção**



2ª FASE ADOÇÃO

Se a criança já estiver inscrita no CNA, essa etapa pode durar **6** meses

7 **Esperre o contato da Vara da Infância,** que pode ser feito por telefone ou e-mail. Eles informarão sobre a disponibilidade de crianças dentro do perfil solicitado e marcarão sua visita ao abrigo

8 Se houver três recusas sem justificativa para conhecer a criança, você pode ser inabilitado

9 Depois de conhecer a criança, você passará por um **estágio de convivência.** Poderá, então, entrar com o pedido de adoção concomitante com o pedido de guarda provisória, que dura 180 dias e é prorrogável

10 Nesse período, **a inserção da criança na família será avaliada** por uma nova equipe técnica da Vara da Infância, assim como por um psicólogo

11 Aguarde o posicionamento do Ministério Público e, logo, a sentença do juiz para o pedido de adoção

Fonte: Instituto Brasileiro de Direito da Família (Ibdfam)

Foto: Frederic Jean/Ag. Istoé; Guilherme Pupo; Pedro Dias, Gabriel Chiarastelli - Ag. Istoé

LAURA DAUDÉN é Jornalista e escreve para esta publicação. Revista ISTO É, Fevereiro de 2013.